



## **Uma Convidada Especial**

Barbara McCauley

Digitalização: Joyce

Revisão: Anaiara



Um plano quase perfeito!

O príncipe Dylan de Penwyck não fazia questão nenhuma de parecer uma pessoa gentil e simples...

No entanto, ao salvar uma doce donzela em um acidente na estrada que levava ao palácio real, mostrou-se completamente cuidadoso e preocupado!

Sentindo-se responsável por Emily, decidiu levá-la para o palácio...

Tudo estava andando conforme os planos de Emily: ela conseguira se infiltrar no palácio, conseguira conquistar a confiança de Dylan e, principalmente, conseguira o amor dele! Parecia perfeito... a não ser por uma pequena falha no plano: Dylan se mostrava cada vez mais carinhoso e romântico... e, por mais que Emily tentasse, ficava cada vez mais difícil ignorar toda aquela atenção!



## **CAPÍTULO I**

Tem de parecer um acidente. Emily Bridgewater não mudou de atitude ante as palavras do homem. Com a cabeça erguida, permaneceu em pé à beira da encosta íngreme e olhou para as águas agitadas do mar.

Nuvens espessas e escuras se agrupavam, ameaçadoras, no céu de fim de tarde, como um mau presságio. Dezenas de barcos retornavam à marina. Só um louco desafiaria a fúria da natureza perante um céu daqueles.

Emily tremia, não por causa da brisa gelada, mas por medo e desespero.

Que bem poderia advir de uma fraude, de um engodo?, perguntara-se uma centena de vezes nos últimos três dias. A resposta era sempre a mesma: nenhum. Mas não havia outro jeito.

— Você me ouviu, Emily?! Ele tem de acreditar que foi um acidente!

Emily voltou-se e o encarou. Sutton era o único nome pelo qual o conhecia, embora duvidasse que fosse o verdadeiro. Devia ter uns quarenta anos, pelo menos vinte a mais que ela. Era muito alto, e sua cabeça fora raspada. O rosto era tão tosco e entalhado que assustaria qualquer um. No bíceps esquerdo, via-se um punhal tatuado.

De quem aquele homem recebia ordens Emily não sabia, mas estava certa de que Sutton não se achava no comando. Ele apenas fazia o que lhe mandavam, sem indagações.

E esperavam o mesmo dela.

— Farei o que puder. — Então Emily se sobressaltou, perplexa, quando Sutton se aproximou e agarrou-lhe o queixo de forma grosseira.

— Você dará o melhor de si, não é? — Os olhos acinzentados deslizaram pela face dela. — Sabe o que acontecerá se não nos der o que queremos, não sabe, querida?

O coração dela bateu forte dentro do peito.

— Sim.

Sutton puxou uma pequena foto do bolso de sua camiseta e a manteve perante ela.

— Uma olhada a mais para que você não cometa erros.

Apesar de já ter visto aquele retrato naquela manhã, Emily fitou-o outra vez. Cabelos castanhos curtos, íris azuis e um toque de realeza no rosto bem estruturado. Os impressionantes olhos mostravam muita inteligência e um quê de tristeza.

"Meu Deus, como poderei fazer isso?" Cerrando os dentes, repeliu o toque de Sutton.

Não cometerei nenhum erro.

## *Projeto Revisoras*

O celular do Sutton tocou. Soltando-a, ele atendeu. Depois de ouvir alguns instantes, informou-a:

— Chegou a hora.

Emily observou a estrada de cascalho abaixo. Sabia que o automóvel estaria chegando à curva do precipício em alguns minutos. O pulso acelerou.

"Não posso fazer isso. Não posso!"

Vendo-a hesitar, Sutton puxou-lhe o braço e a conduziu para a bicicleta alugada encostada contra uma árvore próxima.

— E se algo der errado? — Ela ignorava o aperto dolorido da enorme mão.

— É melhor que isso não aconteça, mocinha. Agora, monte na bicicleta.

— Mas se eu não me ferir e...

Ele esticou o punho tão rápido que Emily não teve tempo de evitar o violento soco no rosto, que fez com que sua cabeça fosse jogada para trás. Teria caído se Sutton não a estivesse ainda segurando pelo braço.

— Sem mais suposições, Emily. Monte na bicicleta.

Limpando as lágrimas de dor e com os ouvidos ainda zumbindo pelo murro, obedeceu-o. Com as mãos no guidão, ouviu o barulho dos pneus de um carro deslizando sobre o cascalho.

Prendendo a respiração, esperou.

— Os homens e eu vamos jogar pôquer hoje outra vez. Você quer ir?

Do assento traseiro da limusine, Dylan Penwyck encarou Liam pelo espelho retrovisor. Liam McNeil, irlandês de nascimento, porém criado na ilha de Penwyck, era o motorista da família real desde que Dylan era menino. Com seus cinquenta anos e uma estrutura física de lenhador, Liam era brincalhão e tinha uma grande intimidade com ele, graças aos anos e anos de serviços à família.

Dylan arqueou uma sobrancelha escura.

— Se minha mãe souber que me convida para jogos de azar, baterá em você com um rolo de macarrão, Liam. Já pensou nisso?

Liam gargalhou. Por mais que tentasse, não conseguia uma imagem da rainha Marissa correndo pela casa atrás dele, empunhando um rolo de macarrão. Jamais ouvira a rainha levantar a voz para quem quer que fosse. Com um simples olhar, a poderosa senhora era capaz de fazer qualquer um remover uma montanha. Apesar da meiguice e do casamento bem sucedido, era do conhecimento de todos que quem controlava as rédeas no palácio e na família era ela.

Mas agora o pai de Dylan estava doente. O rei Morgan, enfim, acordara do estado de coma no qual entrara havia cinco meses, mas talvez ainda fossem necessários anos de reabilitação e terapia.

Desde que Vincent, tio de Dylan, irmão do rei Morgan, assumira o controle do palácio, instalou-se um caos esmagador. E havia muito a fazer para restaurar a ordem.

Dylan praguejara milhões de vezes por não ter estado ali naqueles últimos meses, por se ter feito tão inacessível que mesmo sua própria família não fora capaz de alcançá-lo.

## *Projeto Revisoras*

"Mas estou de volta agora", concluiu, estreitando os olhos. E dessa vez, ficaria.

Naquela manhã, dispensara o convite de sua irmã Meredith para comparecer a um desjejum em homenagem à di-retora do sistema de educação pública de Penwyck, e em vez disso foi caçar patos com o barão Chaston e esposa, no condado vizinho. A filha deles, Blair, em casa pelas férias na faculdade, esforçara-se por incitá-lo a ficar para o almoço, e até mesmo fez beicinho quando Dylan explicou que tinha uma reunião urgente no palácio. Uma grande mentira, claro, mas Dylan sabia que Blair estava determinada a casar-se dentro da realeza, e desde que seu irmão gémeo Owen se casara, Blair voltara seus suspiros para o outro filho real.

Ela era bem bonita e possuía todas as credenciais e antecedentes para uma esposa real. Mas a moça era superficial demais, e a simples ideia de acordar todos os dias ao lado de uma cabeça com papelotes e rosto cheio de cosméticos fez Dyliin estremecer, pasara os últimos dois anos negando os deveres e as responsabilidades para os quais nascera. Unira-se a uma organização secreta de forças em Boróvkia, chamada Graystroke, que resgatava dignitários sequestrados, assim como homens de negócios na Europa Central. O trabalho fora perigoso e excitante, e com cada serviço surgia a oportunidade de não voltar vivo, ou pior, ele mesmo ser sequestrado.

Essa fora a razão pela qual Dylan falsificara seus documentos de identidade, deixara crescer a barba, e nunca dissera, nem mesmo a seus superiores, quem era na realidade. Se soubessem que se tratava do príncipe Dylan, herdeiro do trono de Penwyck, jamais o teriam enviado para alguma missão.

Dylan fixou a atenção no panorama campestre por onde passavam, estudando a sombra dos pinheiros ao percorrerem a íngreme estrada em direção ao palácio.

Nuvens pesadas se formavam sobre o oceano. O inverno avançava devagar desde que retornara a Penwyck, poucas semanas atrás.

O clima parecia-lhe muito agradável. O ar fresco, o céu muito azul. No entanto, qualquer um que vivesse na ilha de Penwyck saberia o quão instável era a temperatura ali. Embora tivesse ficado ausente pelos dois últimos anos, Dylan vivera na ilha sua vida inteira e a conhecia como a palma da mão.

Precisara deixar Penwyck para descobrir que aquele era o lugar ao qual pertencia. Nunca seria rei, sabia disso, mas poderia assentar-se, servir seu país e seus familiares e, se necessário, protegê-los.

— Posso jogar algumas partidas, Liam. Talvez recupere o que você ganhou de mim, me ludibriando, na última noite.

— Com todo respeito, Alteza, culpe apenas a si mesmo por ter perdido. A babá de minha mãe joga melhor que você.

Liam tinha razão, Dylan sabia. Sua mente estivera em todo lugar, menos no jogo. Afligia-se com a saúde do pai, com o abuso de poder de seu tio Vincent enquanto controlara o trono, com o sequestro de seu irmão Owen, a gravidez de uma de suas irmãs e o fato de que Owen tinha um filho sobre quem ninguém sabia até poucas semanas atrás.

E isso, só para começar.

## *Projeto Revisoras*

— Se me chamar de Alteza mais uma vez, não o deixarei ganhar hoje sequer uma rodada.

— Deixar-me ganhar?! — Liam ria muito, ao manobrar através da curva íngreme.

— Cuidado! — gritou Dylan.

Mas não houve tempo para nada. A mulher de bicicleta surgiu do nada, na frente deles.

Liam pisou nos freios e, apesar da pouca velocidade, o veículo derrapou e atingiu a bicicleta em cheio.

Dylan viu o rosto espantado da morena voando pelos ares e caindo no outro lado junto à costa íngreme. Saltou do carro antes mesmo que Liam estacionasse direito e correu até ela.

A jovem jazia na beira do abismo, imóvel. Os longos cabelos escuros cobriam-lhe as faces como uma mortalha.

Uma Convidada Especial

Ajoelhando-se a seu lado, Dylan suplicou: "Deus misericordioso, faça com que esteja bem!" Afastando as mechas da testa dela, tocou-lhe a garganta para sentir o coração. Quando o pulso se mostrou acelerado, Dylan soltou a respiração.

— Obrigado, Senhor!

Apavorado, Liam chegou correndo.

— Por favor, diga-me que não a matei!

— Você não a matou — disse Dylan, controlado, apesar de tudo.

Rápido, voltou o olhar para a mulher. O braço direito e a mão dela estavam esfolados e sangravam, e a mancha vermelha de uma pancada forte aparecia na face esquerda. A blusa se achava rasgada e suja, a saia impregnada de grama.

Fitou-lhe as feições. Muito bela, foi a primeira impressão.

Quando ela gemeu e ergueu as pálpebras, Dylan ficou atordoado. Os olhos eram de um verde ímpar, que o enfeitiçou de imediato. A pele, apesar da palidez do momento e do hematoma ainda fresco, parecia macia como seda. E a boca, então? Os lábios eram carnudos, sensuais e convidativos. Uma boca apropriada para os beijos de um homem, decidiu ele, tornando a encará-la e notando sua confusão e dor.

— O que... o que aconteceu?

— Você atravessou a estrada de bicicleta e nosso carro a atingiu. — Dylan sentiu uma leve dor no estômago quando viu o sangue escorrendo da testa dela. — Algo está doendo?

— Minha cabeça...

— Aqui, tome isto. — Liam entregou um lenço a Dylan e tirou do bolso da jaqueta um celular. — Chamarei uma ambulância.

— Não! Não há necessidade disso. Preciso apenas de um minuto.

— Fique quieta. — Com delicadeza, Dylan limpou-lhe o sangue. — Você sente as pernas?

Ele tocou-lhe os tornozelos, notando que ela perdera um dos pés do tênis branco.

— Sim. — Emily mexeu os artelhos. — Suas mãos estão quentes.



## *Projeto Revisoras*

— Vou examinar se alguma coisa está quebrada. Dylan deslizou as mãos sob a saia longa de brim. Ela possuía pernas de dançarina. Longas e bem-delineadas. Erguendo um pouco o tecido, constatou que o joelho direito fora arranhado, mas havia pouco sangue.

— Se quiser, poderá esbofetear-me depois por ser tão atrevido — brincou, tentando acalmá-la.

Dylan notou o pequeno anel de rubi e diamante na mão esquerda de Emily, quando a pegou para examinar. O movimento a fez gemer.

— Não creio que possa esbofeteá-lo com esta mão — ela falou, através dos dentes cerrados.

Quando uma rajada de vento gelado os atingiu, Dylan se arrepiou. Grossas gotas de chuva começaram a cair sobre eles, e trovões faziam estrondo no céu.

— A tempestade cairá em alguns minutos! Não podemos ficar aqui.

— Vou pegá-la e colocá-la no carro, Liam — gritou Dylan, sob o barulho devastador da ventania.

Um raio explodiu entre as árvores, concretizando as palavras de Liam, e o céu despejou um temporal incrível sobre eles.

Da maneira mais gentil possível, Dylan tomou Emily nos braços. Sentindo o pequeno corpo trêmulo, aninhou-a mais contra si, fazendo o possível para protegê-la da borrasca enquanto corria para a limusine.

Liam manteve a porta aberta enquanto Dylan a fazia deitar-se no assento traseiro de couro. Em seguida, se acomodou no outro banco na frente dela.

O interior do automóvel estava tranquilo e quente quando Liam ligou o motor.

— Devo pegar a bicicleta? — Liam quis saber.

— Mais tarde. — Dylan ajoelhou-se no largo assoalho e a estudou.

Com os cabelos molhados e a face pálida, tremia demais. Dylan ergueu a tampa de um compartimento lateral e apanhou um cobertor, cobrindo-a.

— Ligue para o dr. Waltham, Liam. Conte-lhe o que aconteceu e peça-lhe para nos esperar na enfermaria.

Liam dirigia, ao mesmo tempo fazendo a ligação.

Dylan fechou o vidro que dividia o motorista da parte traseira da limusine para que Emily não ouvisse a conversa.

— Estaremos lá em poucos minutos. — Dylan procurava acalmá-la. — Você está confortável?

— Desculpe-me... de verdade.

A intensidade do olhar e o desespero dela o confundiram.

— Não tem por que se desculpar. Fomos nós que batemos em você, lembra? — Ele afastou algumas mechas molhadas da face dela.

O hematoma escurecera, e da ferida na cabeça saía um filete de sangue.

— Qual seu nome? Há alguém para quem devemos telefonar?

Ela o fitou por alguns instantes. Dylan viu medo nos olhos verdes.

— Eu... não sei.

### *Projeto Revisoras*

- Não sabe se há alguém para quem possamos telefonar?
- Não. Quero dizer que não sei como me chamo.



## **CAPÍTULO II**

Dylan, em silêncio, praguejava contra os solavancos na estrada e contra a tempestade, que obrigavam Liam a dirigir devagar daquele jeito. A chuva era tão pesada que o limpador de pára-brisa não estava dando conta.

Mas pelo menos o interior do veículo permanecia quente. Dylan, assustado, limpava o sangue vivo que brotava da testa da desconhecida deitada no assento diante dele. Deus sabia quanto sangue vira nos últimos dois anos, até mesmo o próprio... mas aquele era diferente. Ela parecia tão frágil! E ele era responsável por aquilo.

Examinou melhor o corte na cabeça e constatou que não era muito profundo. Emily parara de tremer e tinha até tentado sentar-se, alegando que se sentia bem. Mas Dylan a obrigara, com gentileza, a continuar deitada. Como poderia estar bem? Fora atingida por um carro! O carro dele...

De onde viera aquela jovem? Quem era?

O fato de não ter obtido uma resposta deixara-o muito perturbado, mas na horrível queda Emily batera a cabeça com muita força. Era compreensível que estivesse confusa e desorientada.

Havia algo vagamente familiar naquele delicado semblante, mas Dylan não sabia o quê. Comprimindo os olhos, afastou o estranho pressentimento. O principal agora era o estado de saúde dela, nada mais.

Poderia tê-la visto em alguma ocasião. Apesar de fora de estação, era provável que fosse turista, ou hóspede de uma das propriedades vizinhas.

Penwyck era uma ilha empolgante. Viajantes vinham de todos os lugares do mundo para ver e fotografar os rochedos e as florestas. Mas Dylan não notara uma máquina fotográfica com ela. Aliás, não carregava sequer uma bolsa.

Um relâmpago iluminou o interior da limusine, e um trovão estourou no céu.

Emily se aconchegou sob o cobertor.

— Você vai ficar bem — assegurou-lhe Dylan, embora não tivesse tanta certeza. A pele estava cada vez mais pálida, e a respiração, fraca. — Estaremos no palácio em poucos minutos.

— Palácio? — Ela o encarou, confusa.

— O palácio de Penwyck. É para onde estávamos indo quando você apareceu na estrada. Lembra para onde ia?

— Eu... — Hesitou e meneou a cabeça. — Não.

E recomeçou a tremer.

Dylan pegou-lhe as mãos, para confortá-la. Além do anel de rubi, não havia nenhuma outra jóia nos dedos delgados. Nenhuma aliança ou marca de que usara uma havia pouco.

Outro trovão ribombou. Emily gemeu.

— Calma — disse ele, esfregando-lhe as palmas.

— Suas mãos... são quentes.

— É porque as suas estão frias demais. — Dylan lhe sorriu. Um sorriso curvou os lindos lábios femininos, mas logo desapareceu.

— Você está sendo tão bondoso, e eu nem sequer sei seu nome.

## *Projeto Revisoras*

— Dylan. Dylan Penwyck.

— Seu sobrenome é o mesmo do palácio que mencionou. É um membro da família real?

Mesmo que Dylan tivesse feito o possível para ficar fora da mídia, qualquer um que vivesse naquela ilha sabia que Dylan Penwyck era filho do rei Morgan Penwyck. Apesar de ter saído de lá por dois anos, seu nome era conhecido por toda a população. Portanto, ou a desconhecida não era de Penwyck, ou a batida na cabeça apagara muito mais da memória do que o próprio nome.

Liam estacionou em frente à enfermaria, e a pergunta dela ficou no ar. De capa impermeável e carregando um guarda-chuva, o médico desceu os degraus correndo e abriu a porta do veículo.

Perguntas e respostas teriam de esperar. Qualquer que fosse o nome da bela mulher é o que estivera fazendo na estrada da montanha teria que permanecer um mistério por enquanto.

Dylan carregou-a no colo e adentrou a enfermaria do palácio.

Trinta minutos depois, sozinho na sala de espera, Dylan consultou o relógio. Por que demorava tanto? Liam fora comunicar o acidente à rainha Marissa, e o dr. Waltham ainda se encontrava na sala de exames.

Pela centésima vez, ele reviveu o som do carro batendo na bicicleta e o susto estampado no rosto dela, ao voar pelos ares. Em seguida, os cortes e ferimentos, o sangue brotando.

Cerrando os punhos perante a recordação, dirigiu-se para a sala de exames. Já esperara muito. Não esperaria mais. Alguém tinha de lhe contar algo. Já!

Mas, antes que batesse à porta, Mavis Weidermeyer, a enfermeira, a abriu.

"O céus! Mavis não!" Dylan aprendera desde jovem como lidar com os empregados do palácio, algumas vezes com charme, outras, elevando suas funções. Mas nada funcionava com Mavis Weidermeyer. Havia comentários de que ela não era humana, e sim um experimento mecânico militar que dera errado. A mulher tinha pelo menos um metro e oitenta.

— Alteza... — A enorme enfermeira deu um passo à frente e fechou a porta da sala de exames atrás de si. — Posso ajudá-lo em algo?

"Se eu precisasse carregar um piano, sim." Dylan suspirou, frustrado.

— Gostaria de falar com o dr. Waltham.

— Ele falará com você quando terminar o exame. Por favor, aguarde na sala de espera.

Antes que Dylan pudesse protestar, Mavis saiu andando e tomou seu lugar atrás do balcão da sala, começando a digitar no computador.

Dylan fitou as costas largas da mulher. Era ele quem deveria dar as ordens ali. Contudo, voltou também para a sala de espera e acomodou-se em uma das poltronas de couro e cromo.

Pouco depois, considerava ir outra vez até a porta da sala de exames quando Liam entrou com uma xícara de café e uma expressão preocupada.

— Como vai a moça? — Liam entregou o café para Dylan.

— Não posso passar por cima de Átila para descobrir.

## *Projeto Revisoras*

— Essa é minha especialidade. — Liam, sorrindo, caminhou para o balcão de recepção. — Mavis, minha querida, minha mulher tem perguntado por você.

Ela o olhou desconfiada.

— Estou onde sempre estive, e Clair sabe muito bem disso.

Fingindo um descontrole, Liam deixou que o café de sua xícara espirrasse sobre a mesa de Mavis. De forma nada feminina, Mavis pulou da cadeira, agarrou uma caixa de lenços e, enquanto limpava a bagunça, Dylan aproveitou para esgueirar-se dali.

Depois de bater de leve na porta, o delicado "entre" de uma voz doce foi como uma bênção a seus ouvidos.

Usando uma camisola azul-clara, Emily estava sentada na ponta da mesa de exames. As pernas e os pés se achavam nus, e a visão de arranhões e feridas na perna esquerda apertou o peito de Dylan.

Ela arregalou os olhos quando o viu.

— Pensei que fosse a enfermeira... — Emily se encolheu.

— Ela está ocupada, e pediu-me que viesse dar uma olhada em você. Bem, tive de ordenar a três guardas palacianos que a amarrassem para que eu pudesse passar pela fera.

Emily achou graça, e então baixou o olhar.

— Sinto muito por todo o transtorno que estou lhe causando. Você tem todo o direito de estar zangado por eu ter sido tão descuidada.

— Se estivesse zangado, acredite-me, você saberia. — Dylan indicou a cabeça dela, ao ver os curativos. — Levou pontos?

— Não. O dr. Waltham disse que o corte fechará por si mesmo, sem suturas.

Ele pegou no queixo dela e levantou-lhe a face. Então, mordeu o lábio quando viu o sofrimento nos olhos verdes.

— Como está se sentindo?

— Ótima.

— Mentirosa...

Emily baixou os longos cílios negros.

— Eu... estou me sentindo sem chão.

Dylan sabia que deveria tirar a mão do queixo dela, mas ainda assim a manteve lá por um momento mais. A pele era suave e alva como porcelana contra seus dedos bronzeados. Mas, quando o olhar alcançou os lábios carnudos e sensuais, o pulso acelerou, fazendo-o, enfim, soltá-la.

— Onde está o médico?

— Verificando as radiografias. Deve voltar em alguns minutos. — Emily tornou a encará-lo. — Príncipe Dylan... quero dizer, Alteza...

— Apenas Dylan.

Ele detestava aqueles títulos, que faziam com que as pessoas o tratassem com formalidade. A falta deles fora uma das coisas de que mais gostara naqueles últimos dois anos. Fora aceito por si mesmo, e não por seu sangue real.

— Ainda não sei como chamá-la. Lembrou-se do seu nome?

— Infelizmente, não.

## *Projeto Revisoras*

— Nesse caso — Dylan a fitava com bondade —, acho que teremos de tentar alguns nomes e ver se algum deles lhe desperta algo familiar. Que tal Agnes?

— Eu me pareço com Agnes?

— Talvez não. Hortênsia? Não. Gertrudes? Emily sacudiu a cabeça, gostando da brincadeira.

— Renata? Sybil? Chloé? Cornélia...

— Que tal Emily?

Dylan voltou-se ao som da voz do dr. Waltham entrando na sala. Ele parou à soleira com uma pasta na mão e uma Mavis Weidermeyer com aparência severa atrás dele. O médico grisalho dirigiu-se para sua paciente e então mostrou-lhe o pequeno anel de rubi.

— Nós tiramos isto para desinfetar os arranhões em sua mão. Há uma inscrição dentro do aro.

Com a respiração presa, Emily olhou para a jóia.

— Uma inscrição?

— "Para minha querida Emily" — O doutor colocou o anel na mão dela.

— Embora não tenhamos certeza absoluta, creio que este seja seu nome. Importa-se se a chamarmos de Emily?

— Não. Eu... — Com os olhos marejados, fitou a peça em seu dedo.  
— Emily está ótimo.

— Você perdeu a memória, mas amnésia após um trauma não está fora do campo da normalidade. O mais provável é que nos próximos dias ou semanas comece pouco a pouco a recordar tudo o que foi esquecido. — O médico sorriu. — E não há nenhum osso quebrado ou ferimento sério, exceto um deslocamento no ombro que ainda requer observação. Permanecerá esta noite na enfermaria, de modo que possamos monitorá-la. Com alguns dias de descanso, seu corpo estará em plena forma.

— Alguns dias? — Emily levou a mão à testa. — Mas não posso ficar aqui. Nem sequer...

Ela começou a se agitar. Dylan correu e a segurou pelos ombros. Emily, num gesto instintivo, se segurou nos braços fortes e encontrou o olhar dele. As faces estavam ainda mais pálidas, fazendo o hematoma mais aparente.

— Tudo em ordem?

— Sim. — Emily se soltou dele. — Sinto muito. Apenas me senti tonta por um momento. Ficarei bem.

O dr. Waltham interveio:

— Estou certo de que são as pílulas analgésicas que administrei, mas deixe-me dar uma olhada nela.

Relutante, Dylan afastou-se para que o médico pudesse examiná-la. Mavis puxou um cobertor de dentro do armário e o colocou sobre Emily, antes de tomar-lhe a pulsação.

Dylan permaneceu ao lado, impotente, vendo o médico acender um raio de luz na frente dos olhos de Emily e pedir a ela que seguisse seu dedo.

Depois do exame, ele deu um tapinha carinhoso na mão de Emily e voltou-se para Dylan:

— Apenas precisa descansar, agora. Vamos colocá-la numa cama, e

## *Projeto Revisoras*

você pode...

— Mandarei preparar o quarto de hóspedes, ao lado de minha suíte.

— Alteza, não é preciso. — O médico pareceu intrigado. Num tom que quase nunca usava, e que não aceitava argumento, Dylan falou:

— Emily ficará mais confortável lá. Você pode pôr alguém para acompanhá-la, se achar necessário. O que quer que necessite é só pedir. — Sem olhar para trás, dirigiu-se para a porta e saiu da sala.

Emily, se é que aquele era o nome dela, passara a ser sua responsabilidade. E, apesar do que diziam, Dylan Penwyck nunca dava as costas para uma obrigação ou dever.

Emily acordou com o cheiro de gardêneas e a leve luz da manhã. "Meu Deus, permita que tudo isso seja um sonho. E, por favor, não me deixe acordar."

Mas o barulho da chuva no telhado a fez ver que aquilo não era um sonho. Estava mesmo no palácio de Penwyck, aconchegada sob um grosso edredom numa cama enorme com quatro colunas, coberta por um dossel, apropriada para um rei.

Recordava-se de ter sido levada para lá na véspera. A medicação contra dor fizera-a cair num sono profundo que durara a noite toda. Pelo visto, o efeito da medicação passara, pois, quando se virou, o ombro protestou.

Contorcendo-se de dor, levou a mão à testa e pressionou os dedos sobre a insistente enxaqueca.

Quando a dor cedeu, respirou aliviada e ergueu-se sobre um dos cotovelos, observando o espaçoso dormitório. Em estilo vitoriano, com cortinas de renda e papel de parede floral, não poderia ser mais suntuoso.

E flores, muitas flores. Rosas vermelhas, cravos brancos e hortênsias lilases, em um imenso vaso de cristal lapidado sobre uma mesa de canto. Ao lado do leito, gardêneas brancas pendiam de um jarro de opalina.

Lágrimas rolaram pelas faces de Emily ao contemplar as efêmeras flores. Todos tinham sido tão bons para ela! Liam, o dr. Waltham, mesmo a enfermeira Weidermeyer, embora tivesse de admitir que a mulher a amedrontara um pouco.

E Dylan. Na limusine ele fora gentilíssimo, e depois, na enfermaria, aqueles olhos azuis inquisidores mostravam tanta preocupação... Quando tocou seu queixo com tamanha ternura, a pulsação dela disparara. A textura das mãos calejadas, em sua pele, fora eletrizante. Quase tinha se esquecido de onde estava e por quê.

Doía-lhe até agora tê-lo visto tão cheio de culpa. Fora ela quem provocara o acidente. Se ao menos houvesse uma maneira de voltar atrás no que fizera!

Mas não havia. Tarde demais para mudar os fatos. Não podia olhar para trás, sabia que não havia escolha, a não ser seguir em frente.

Ao som de uma leve batida, Emily tentou sentar-se, mas o esforço fez seu ombro doer. Ofegante, lutou para encontrar a voz:

— Entre...

A porta se abriu devagar, e uma morena usando um uniforme cinza e branco adentrou o aposento empurrando um carrinho com o desjejum.

O aroma maravilhoso lembrou a Emily que não comera nada desde o

## *Projeto Revisoras*

dia anterior.

— Bom dia, srta. Emily — cumprimentou-a a alegre criada. — Meu nome é Sally. Espero não tê-la acordado.

— Não. — Emily mordeu o lábio, e de novo tentou sentar-se. — Eu já estava acordada.

— Deixe-me ajudá-la.

Sally se aproximou rápido da cama e colocou travesseiros nas costas dela.

— Sua enfermeira saiu para buscar a medicação, e o doutor chegará aqui em breve para vê-la. Quer ir ao banheiro?

— Não, obrigada. — Emily forçou um sorriso. — Por favor, não se preocupe tanto comigo. Não há necessidade.

— Há sim, senhorita.

Sally tirou uma bandeja especial do carrinho e a ajustou sobre as pernas de Emily. Em seguida, levantou a tampa de prata, revelando um prato de ovos com bacon.

— O príncipe Dylan foi bastante firme em suas instruções. — Sally tirou um guardanapo de linho azul que cobria uma cesta de prata com uma enorme variedade de pães e biscoitos.

— Instruções?

— Ele disse para que todos nós nos assegurássemos de que você teria tudo o que quisesse. — Sally serviu-lhe uma xícara de chá. — E também ordenou que fosse informado de tudo. Quer leite em seu chá?

— Não, obrigada. — Emily se movimentou devagar até encontrar uma boa posição, e pegou a xícara. — Mas certamente o príncipe Dylan tem mais assuntos importantes para lidar do que eu.

Sally alcançou um jogo de talheres de prata e um guardanapo de linho.

— Bem, o palácio tem estado numa grande confusão desde que o rei Morgan ficou doente.

— O rei está doente?!

— Por Deus, sim! Muito. Encefalite, ouvimos dizer. Estamos todos tão felizes que ele esteja fora de perigo agora e recuperando-se! Foi bom demais para a rainha e para o príncipe Owen que o príncipe Dylan tenha, enfim, voltado para casa.

Emily sorveu o chá, e a bebida quente a relaxou.

— O príncipe Dylan estava ausente?

Seu temperamento o pusera em dificuldades em mais de uma ocasião, um fato que sua mãe sempre lamentava.

Todavia, em certos momentos Dylan imaginava que poderia fazer uma diferença se tivesse de governar o país. Contudo, teria de refrear seu gênio e usar a razão no lugar da emoção.

Mas o que isso importava? Owen seria o futuro monarca de Penwyck, e Dylan não amolava seu irmão gêmeo com esse fato.

Owen seria um ótimo soberano. Tinha uma esposa, Jor-dan, que seria uma rainha encantadora, e a filha deles de quatro anos, Whitney, já era uma linda princesinha. Owen faria seus pais, a família e todo o povo de Penwyck

## *Projeto Revisoras*

sentirem-se orgulhosos.

Dylan voltou a atenção para Emily. Apoiada contra vários travesseiros e com uma bandeja sobre as pernas, fitava-o com cautela.

Com os vastos cabelos escuros caindo sobre os ombros delgados e o suave volume dos seios perceptível através do decote em V do pijama de seda verde, parecia mais fantasia do que realidade.

Notando mais uma vez o hematoma na face dela, Dylan sentiu uma dor no peito.

— Bom dia, Alteza. Espero que me perdoe se não faço uma reverência. Mas você me pegou em desvantagem.

— De onde estou, Emily, eu me sinto em vantagem. — E desceu o olhar mais uma vez para os seios dela, observando os mamilos contra o tecido.

Emily ficou vermelhíssima, e não disse nada. Apenas baixou os cílios.

Esforçando-se para dissipar da mente a excitação do momento, Dylan pigarreou.

— Como está se sentindo?

— Como se minha cabeça fosse uma floresta e alguém estivesse lá dentro serrando árvores.

Ele alcançou o telefone.

— Localizarei sua enfermeira.

— É apenas uma enxaqueca. — Tocou no braço dele para impedi-lo e soltou-o no mesmo instante. — Sinto muito, Alteza. Foi presunção minha, e eu...

— Pare com isso. — Dylan puxou uma cadeira para perto dela e se sentou. Tomou-lhe os dedos. — Emily, eu lhe disse ontem: chame-me de Dylan.

— Se você quer assim...

— Quero.

Só Deus sabia quantas coisas que viessem dela ele queria. O encantador rubor das faces, a suave cadência da entonação, a tranquila coragem. A maioria das mulheres que Dylan conhecera estariam histéricas com o acidente, e decerto exigiriam toda a criadagem do palácio à disposição. Mas Emily não pedira nada. Parecia até mesmo envergonhada por todo o cuidado que estava recebendo.

Embora isso revelasse muito do caráter de uma pessoa, Dylan ainda não sabia nada sobre quem aquela mulher era, na realidade.

Apertou a mão dela nas suas. Os dedos estavam quentes agora, e ele imaginou se ela era toda tão macia e suave quanto eles. Acariciando-lhe a palma, sentiu, com o polegar, a pulsação dela acelerar em resposta à carícia.

— Você se lembrou de alguma coisa?

Antes que Emily fechasse os olhos, ele viu angústia estampada neles.

"Meu Deus! Por que fui pressioná-la?" O dr. Waltham o avisara sobre o quanto a amnésia era estressante, e Emily já estava sofrendo o suficiente. Portanto, não precisava nem um pouco de um interrogatório que não pudesse responder.

Dylan sabia quem ela era muito breve, de qualquer forma. Já pedira a Pierceson Prescott para investigar. Não levaria muito tempo antes que o respeitado chefe do Time da Elite Real descobrisse a identidade dela. Afinal de



## *Projeto Revisoras*

contas, Emily não caíra do céu.

Era estranho, mas Dylan esperou que isso não acontecesse logo. Sabia que quando Emily descobrisse sua identidade, quem era sua família, iria embora.

Era difícil admitir, mas ainda não estava pronto para perder a encantadora Emily.

— Coma. — Dylan a soltou e fez um gesto apontando a bandeja. — O cozinheiro Boudreau é um dos poucos luxos de que senti falta, em minha ausência. O homem é um gênio.

Ele alcançou um garfo e espetou um pedaço de ovo, conduzindo-o até os lábios dela.

— Sem discussão, isto é uma ordem real.

— Ah, é? Pensei que você fosse apenas Dylan.

— Isso depende de sua cooperação.

— Posso comer sem ajuda, obrigada — disse ela, com doçura, tomando o garfo dele. — Mas talvez, se você comesse algo também, eu não me sentisse tão acanhada.

Atendendo ao pedido dela, Dylan pegou um pão doce da cestinha e deu-lhe uma mordida.

A chuva quase cessara, e o ruído das gotas pingando do beiral do telhado era o único som ali dentro.

Cada vez que Emily levava o garfo aos lábios, Dylan sentia calor no baixo-ventre. Sabia que deveria desviar o olhar. Luxúria por uma mulher ferida não era nada cavalheiresco, sobretudo quando fora ele quem provocara os ferimentos.

— Sally contou-me que você esteve fora do palácio por dois anos, Dylan. É um longo período longe da família. Deve ter sentido muita saudade.

— Sim. — Não percebera o quanto até que voltara. — Por isso minhas irmãs se lamuriaram tanto. Não só pelo tempo que passei fora, mas também pelo fato de ter sido difícil alcançá-las.

— Você estava na selva, no mar ou numa quinta italiana?

— Céus! Os falatórios! — Ele empinou o queixo. — Eu já tinha ouvido sobre a selva e os mares, mas uma quinta italiana?

Ela lhe lançou um olhar lânguido.

— Onde se escondeu com sua amante, a condessa? Dylan não podia recordar-se de ter passado mais que duas semanas com a mesma mulher, que dirá dois anos.

— Ah, sim, aquela quinta. Tinha me esquecido. Houve tantas...

— Quintas ou mulheres? — Bisbilhotices.

Dylan se aborreceu. Desde sua adolescência, a mídia o espreitara por todo e qualquer lugar a que fosse. Se desse uma olhada um pouco mais demorada para uma mulher, as páginas do jornal do dia seguinte anunciavam um casal apaixonado, com olhos apenas um para o outro.

De acordo com os tablóides, Dylan Penwyck já ficara noivo e casara-se tantas vezes que ele próprio não podia contar nos dedos. Sua notícia preferida era a da testemunha que jurara tê-lo visto numa capela em Las Vegas, colocando uma aliança no dedo de uma modelo famosa.

## *Projeto Revisoras*

Contudo, não se importava muito com o que os jornais relatavam, nem mesmo quando as manchetes eram gritantes. A única que o aborrecera um pouco fora a acusação de que ele engravidara sua amante e depois a deixara na mais torpe miséria, enquanto comparecia a jantares em luxuosos restaurantes com loiras maravilhosas e se envolvia em brigas com o garçom, cambaleando de embriaguez.

Ainda não perdoara aquele artigo. E ainda com a foto de um homem que mal se parecia com ele. Nenhum homem da família Penwyck jamais renegaria o próprio filho.

Fora a única vez que Dylan insistira numa retratação por escrito e pública. E fizera uma sugestão forçada ao jornal de que dessem uma contribuição substancial para uma agência de serviços sociais local que dava assistência a mães solteiras desamparadas.

— Desculpe-me, Dylan. Eu o aborreci.

Ele a encarou. Emily o mirava com seus olhos verdes preocupados. A visão dela deitada ali, tão frágil e delicada, o fez esquecer-se da irritação que sentira sobre o tal artigo. Sorridente, deu de ombros.

— Os boatos me ensinaram que não podemos acreditar em tudo o que lemos publicado, ou mesmo o que ouvimos ou vemos. Nem tudo é o que parece ser.

— O príncipe Dylan é um cético?

— Apenas tenho por hábito o questionamento. Ainda mais quando o que ouço vem de uma bela jovem com amnésia.

Ele sentiu a respiração dela acelerar, antes que respondesse:

— Está me elogiando, Alteza?

— Dylan, por favor. E se tenho de lhe dizer que isso é um elogio, então estive na selva por tempo demais.

— Ah! Então estive na selva?!

— Selva, mar, quinta italiana... capela em Las Vegas. Que diferença faz? Estou em casa agora, e é isso que importa. Estar com minha família e servir meu país: isso é tudo o que me importa neste momento.

Emily se desviou, mas não antes que Dylan visse as lágrimas repentinas que surgiram nos olhos dela. Assim, pegou-lhe o queixo e a fez fitá-lo.

— Perdoe-me. Deve ser difícil para você não saber se sua família a está procurando, aflita.

— Eu... — Fez uma pausa e engoliu em seco. — Não suportaria se pensasse que estou causando algum mal a alguém que amo.

Uma lágrima pingou na mão dele. Fitando-a, franziu o cenho diante de mais um aperto no peito. O choro das mulheres nunca o tinham afligido até então. Nunca o inspirou a confortá-las.

Dylan se ergueu, lutando para manter a postura que reservava para ocasiões públicas formais.

— Você deve repousar, agora. A enfermeira Mavis me puxará as orelhas se sobrecarregar a paciente dela. Se precisar de algo, disque zero e será conectada ao departamento apropriado.

— Obrigada. Você foi mais do que bondoso comigo. Dylan se

## *Projeto Revisoras*

encaminhou para a saída.

— E se eu precisar de você? — Emily indagou.

O príncipe sentiu o sangue ferver. Muito espantado para responder, apenas a olhou.

Corando, Emily disse, depressa:

— Ou melhor, e se precisar falar com você?

— Vinte e cinco é o ramal de minha suíte. — E Dylan deixou quase correndo a suíte, antes que fizesse ou dissesse algo que fosse lamentar depois.

— Este linho natural foi feito para você, Emily. Com seu tipo de cabelo e essa cor de pele, ficará fabuloso. Vamos provar.

Emily mordeu o lábio, jurando que se ouvisse "vamos provar" mais uma única vez soltaria um grito. Devonna Demetrius, a loira platinada de cabelos curtos, era a mais recente aquisição do Departamento de Roupas do palácio. Aparecera no quarto de Emily duas horas atrás, seguida por uma enorme arara de rodinhas, carregada de trajes variados. Trouxera desde peças esportivas a vestidos de noite, lingerie e sapatos.

Na véspera, um simples telefonema de Dylan pusera o Departamento de Roupas em ebulição. Devonna, assistente da estilista da princesa Megan, passara horas no quarto de Emily com uma fita métrica e um catálogo de cores e tecidos. A estilista obtivera total liberdade de gastos e, apesar de Emily ter insistido que bastavam apenas alguns trajes simples, Devonna não lhe dera ouvidos.

Se o príncipe Dylan pedira um novo guarda-roupa para Emily, quisesse ela ou não, teria um enxoval completo. E Devonna parecia tremer de prazer pela carta branca que ganhara.

Dylan deixara ordens estritas com seus empregados para que cumulassem sua hóspede de cuidados. Emily podia sentir isso. Mas não estava aleijada, pelo amor de Deus! Aliás, sentia-se muito melhor nesse dia. Não necessitara de Sally para lhe ajudar no banho, nem da enfermeira Mavis tomando seu pulso e medindo sua pressão a cada instante.

E decerto não precisava de um completo guarda-roupa, decidiu, olhando para a arara carregada. Não poderia conservar nenhuma daquelas coisas. Quando tudo terminasse, vestiria suas próprias roupas, que já estavam limpas e consertadas no armário, e partiria.

Mas a determinação e o entusiasmo de Devonna venceram Emily pelo cansaço.

Devonna a fez experimentar o casaco que confeccionara e a rodeou para examinar sua criação.

— Está perfeito! Venha se ver no espelho. Espere, espere, deixe-me pegar os sapatos de salto.

— Não preciso de um casaco destes.

Mas, enquanto a zelosa estilista vasculhava uma pilha de caixas de sapatos, Emily estudou o casaco em seu corpo. Estava mesmo perfeito, constatou com um suspiro. Tudo o que Devonna trouxera era maravilhoso... uma variação de elegância conservadora, sofisticação e graça juvenil. Que mulher não ficaria excitada com tamanha abundância de peças bonitas e caras?

Devonna tomou um par de sapatos de passeio de uma caixa e franziu

## *Projeto Revisoras*

a testa.

— Não são estes os que quero. — Passou a vasculhar as caixas. — Mas sei que estão aqui.

Esperando que Devonna encontrasse os calçados, Emily sentou-se numa poltrona confortável dentro do closet. Elegância e luxo a rodeavam, desde o macio tapete azul-marinho sob seus pés descalços até os balcões de mármore branco com espelhos de molduras douradas.

Não merecia aquela generosidade, pensava Emily, sentindo-se infeliz. Vendo seu reflexo, quase não reconheceu o rosto machucado que confrontou.

"Mentirosa." A palavra ecoou em seu cérebro, e ela cerrou os olhos, tentando conter a tristeza. "Impostora, trapaceira!" Era tudo isso e muito mais.

Aqueles cuidados todos e a especial atenção de Dylan a estavam destruindo ainda mais.

Seu ódio pelas pessoas que a forçavam a agir daquela maneira deplorável e vil crescia em seu íntimo a cada momento. Jamais se sentira tão desamparada, tão impotente. Tão pequena.

Seis dias atrás, estava em sua casa em West Country, ocupada com os papéis de sua formatura, esperando pela avó, que viria para o chá da tarde. Então o telefone tocou, e Emily atendeu ao chamado que mudara sua vida para sempre.

— Se você fizer exatamente o que vamos lhe dizer — um homem sussurrou no outro lado da linha —, nada de mal acontecerá com sua avó.

Um arrepio percorreu a espinha de Emily. "Deve ser um trote. Tem de ser uma brincadeira de mau gosto."

— Quem fala?

— Isso não importa. Apenas cumpra nossa ordem.

— Diga-me agora mesmo quem é ou chamarei a polícia!

— Você não chamará ninguém, garota. Se o fizer, sua avó sofrerá um acidente fatal.

— Olhe, deve haver algum engano. Você deve ter discado para a pessoa errada.

— Você é Emily Bridgewater, e sua avó, Olívia Bridgewater, certo? Precisamos que faça um serviço para nós, Emily. Tomaremos conta de sua vovó até que cumpra sua tarefa.

Nós? Quem poderiam ser aquelas pessoas? E para que precisavam dela?

— Vou pôr sua avó ao telefone agora. Você fingirá que tudo está bem e que se juntará a ela tão logo seja possível.

— Não entendo, por favor, explique...

— Ah, Olívia, aí está você, minha querida! — A entonação do homem de repente ficou alta e muito cordial. — Estou com Emily ao telefone, e ela quer lhe dar um alô.

Então sua avó se fez ouvir:

— Emily, que lindo de sua parte surpreender-me com tão maravilhoso presente! A estação de águas é de um luxo só, e todos são tão atenciosos comigo... Sobretudo Frederick, que acabou de sair de meu lado. Que criatura gentil!

## *Projeto Revisoras*

— Vovó — Emily lutava contra o pânico —, você está bem?

— Claro, amor! Como não estaria, num lugar como este? Eu...

Sentindo as paredes da pequena casa que compartilhava com a avó girarem, Emily desmaiou.

Quando voltou a si, agarrou o telefone, mas foi uma figura masculina diferente quem lhe falou. Então ele lhe disse o que ela precisava fazer e combinou um encontro.

Depois de desligar, Emily permaneceu imóvel, em choque.

Olívia Bridgewater era sua única família. Perdera o pai aos dezessete anos em um acidente numa mina. Um ano depois, sua mãe morrera de câncer. A avó, aos setenta e três anos, era ativa e saudável, mas sua noção de tempo e espaço costumava ser confusa.

Amava a avó mais do que a si mesma. Se lhe acontecesse algum mal, Emily seria incapaz de suportar. Desse modo, não tinha escolha a não ser fazer o que aqueles assassinos lhe ordenaram. Mas, quando sua avó retornasse a salvo, jurou que faria tudo em seu poder para apanhá-los e puni-los.

— Aqui estão!

Surpreendida em seus devaneios pelas excitadas palavras da modista, Emily sentiu o coração disparar. Agarrando um dos braços da poltrona, respirou fundo.

— Estes ficarão lindos. — Com sapatos de salto alto na mão, Devonna adentrou o closet e olhou para Emily. Os sapatos caíram no chão. — Jesus! Você está pálida como um fantasma! Vou ligar para sua enfermeira.

— Não, por favor. Estou bem, só um pouco cansada.

— Eu a cansei em demasia, não foi? Céus, sinto muito! Vamos tirar isso e voltar para a cama.

Emily levantou-se e deixou cair os braços, enquanto Devonna tirava o casaco de seus ombros. Usando nada além de uma calcinha de seda branca e um sutiã rendado, permitiu que a estilista a colocasse de novo na cadeira para pegar na arara um pijama de tecido leve.

Uma batida na porta fez com que ambas se voltassem.

— Estarei aqui num instante, meu bem. Não se mova. Tão logo Devonna se foi, Emily levantou-se e deu um passo em direção à arara, buscando apoio para continuar andando. Mas então uma súbita tontura a atingiu, fazendo-a cerrar os olhos.

— Emily! — Devonna gritou.

No segundo seguinte, dois braços fortes a envolveram, tomando-a no colo. A única coisa que Emily pôde ouvir foi Dylan dizendo:

— Corra e encontre Mavis!

## **CAPÍTULO IV**

— Dylan, por favor, ponha-me no chão. Estou bem.

— Como? Você quase caiu no chão, Emily!

Na verdade ele mesmo não estava muito bem. Ver Emily só de calcinha, caindo desmaiada, pusera seus nervos em frangalhos. Em circunstâncias normais, Dylan jamais entraria no closet de uma mulher, mas quando ouviu o grito da estilista não pensou sobre o que era apropriado ou não.

— Eu me levantei muito rápido e tive uma vertigem — disse Emily, pondo a mão no peito dele. — Não há nada errado comigo.

Só de olhar para ela, Dylan tinha de concordar. A calcinha de seda não cobria muito e, apesar da situação, permitiu-se estudar os detalhes daquele corpo.

Os pés eram pequenos, e as unhas pintadas em rosa-bebê. O olhar, então, trilhou as pernas lisas e bem-torneadas, notando os arranhões do joelho. Incapaz de evitar, seguiu pelas coxas firmes até onde a pele macia encontrava o tecido da lingerie.

A garganta ficou seca, e o sangue acelerou nas veias. Quando sua inspeção chegou aos seios, cobertos com renda branca e pressionados contra seu tórax, experimentou aquele frémito na virilha, uma sensação espasmódica incontrolável.

Um aroma de lavanda desprendia-se da pele quente de Emily. As faces, apenas a alguns centímetros da dele, coraram em demasia. Incapaz de um movimento que fosse, Dylan permaneceu hirto, as formas macias de Emily em seus braços. A mão dela permanecia em seu peito, e ele tinha certeza que podia sentir seu coração batendo forte contra a palma.

Quando aqueles olhos verdes fixaram-se nos dele, a excitação foi instantânea.

— Vou levá-la para a cama — murmurou Dylan, e a viu arregalar os olhos perante as palavras e acelerar a respiração.

Ele caminhou até o leito, colocou-a sobre o colchão e surpreendeu a ambos quando roçou os lábios nos dela.

— Da próxima vez que eu disser que a estou levando para a cama, Emily, as palavras terão um significado diferente.

— Dylan, eu...

— O que aconteceu? — A enfermeira Mavis irrompeu quarto adentro, com Devonna atrás de si. — Afastem-se!

Dylan se afastou e observou a mudança na expressão de Emily, agora ansiosa.

— Estou bem, juro. Você não precisa...

— Srta. Demetrius! — Mavis encarou a estilista com severidade. — Consiga agora mesmo um roupão para a srta. Emily!

Devonna correu para o closet, e a enfermeira se pôs a examinar Emily.

Quando Sally também chegou, a suíte virou uma frenética colmeia de atividade. Mesmo perante a afirmação de Emily de que estava bem, as mulheres laboravam incansáveis a seu redor.

Dylan deveria tê-las deixado entregues à tarefa, pois na certa não era

## *Projeto Revisoras*

de sua competência permanecer ali. Emily não era sua esposa, nem mesmo sua amante.

Por enquanto.

Decisões sempre foram fáceis para Dylan. Desde jovem, tinha a habilidade de acessar alguém ou uma situação com rapidez, e então determinar um plano de ação. E cultivara ainda mais essa característica nos últimos dois anos. Suas obrigações com a Graystroke forçaram-no a tomar atitudes de vida ou morte. Tivera de aprender a raciocinar rápido e ter intuições. Nem sempre acertava, mas enfrentava os riscos. E assumira os erros, estudara-os e mudara.

Emily podia muito bem ser um daqueles riscos, daqueles erros. Contudo, já tomara sua decisão. Ele a queria.

E pretendia tê-la.

Evidente que ela também estava atraída, apesar de não ter flertado sem reservas, como a maioria das mulheres fazia quando se achava interessada. Emily fizera o possível para esconder o interesse, mas o príncipe a sentira tremer em seus braços e vira a chama do desejo brilhar naquelas íris verdes.

Mas não a tinha definido ainda, razão pela qual mantivera uma certa distância. Sabia que existia algo oculto sob a superfície. Não que achasse que Emily mentia, mas intuía que estava evitando a verdade. Isso o tornava prudente, mas de modo algum o desencorajava. Pelo contrário, só o intrigava ainda mais. A incerteza e o desafio sempre instigavam seu interesse.

— Por favor! — Emily sentou-se. — Não há nada de errado comigo.

Enquanto isso, as mulheres persistiam nas funções. Devonna desdobrava um pijama de seda branca, Sally tentava prender os longos cabelos de Emily no alto da cabeça, e Mavis tomava-lhe o pulso.

Emily olhou para Dylan, suplicante. O príncipe estava prestes a dar um passo adiante e acabar com aquela aglomeração em redor dela, quando uma outra voz, feminina e familiar, o deteve:

— Meu Deus, o que está acontecendo aqui?

Todas as cabeças se voltaram para a porta.

Confusa pela repentina mudança no clima, Emily deu uma olhada por cima do ombro robusto de Mavis. Quando viu quem entrara, levou um susto.

A rainha Marissa estava em pé à soleira. A senhora era tão impressionantemente bonita em pessoa quanto na televisão e nas fotos que Emily já vira. Os olhos eram muito azuis, quase iguais aos de Dylan, e, embora já tivesse passado dos cinquenta anos, era jovial, magra e elegante. Usava um tailleur azul-royal, e os cabelos negros, presos num coque sofisticado.

Dylan cumprimentou a mãe, e as mulheres fizeram uma reverência.

Emily levou uma mão à garganta. Ainda não tinha se recuperado da pressão dos lábios de Dylan nos seus, e agora a rainha Marissa estava ali, em seu quarto! Não tinha ideia do que fazer, não sabia o que era apropriado ou não. Começou a sair da cama para reverenciá-la também, mas a rainha a deteve.

— Fique onde está, minha querida. — Marissa olhou para as demais mulheres. — Deixem-nos agora, por favor.

Elas desapareceram num segundo, permanecendo apenas Dylan.



## *Projeto Revisoras*

Emily começou a transpirar. Jamais imaginara vir a ficar perante uma rainha, e o inusitado da situação a emudeceu.

— Mamãe, permita-me apresentar-lhe Emily. Emily, minha mãe, a rainha Marissa Penwyck.

— Eu... — Emily baixou os cílios. — É uma honra conhecê-la, Majestade.

— Obrigada. — A rainha chegou mais perto. — Como está se sentindo esta tarde?

— Muito melhor, obrigada.

Emily resistiu à tentação de enfiar-se embaixo das cobertas. Se Mavis tomasse seu pulso naquele instante, iria levá-la direto para a UTI.

— A senhora foi tão boa em permitir que eu ficasse aqui!

— Nós jamais a abandonaríamos. Sobretudo depois de atropelá-la com a limusine do palácio. Seria uma vergonha agir assim.

— Obrigada, Majestade, mas fui eu a culpada pelo acidente. Meu descuido foi absurdo.

Marissa arqueou uma sobrancelha.

— Não é educado argumentar com a rainha.

— Eu... desculpe-me...

— Mamãe a está provocando, Emily. — Dylan deu risada.

— Sua Majestade tem um inoportuno senso de humor, às vezes.

— Com três filhas, dois filhos e um marido como Morgan, senso de humor é essencial. — A rainha sorriu para Emily.

— O príncipe Dylan, mesmo, é cheio de bom humor. Pergunte a ele sobre a vez em que colocou uma pequena coroa de ouro em um sapo gigante e o soltou no escritório do pai.

O amor entre mãe e filho era óbvio, concluiu Emily, olhando de um para o outro, e não pôde evitar lembrar-se de sua avó e do quanto a amava. Apesar de saber que Olívia estava sendo bem tratada, só de imaginar a pobre velhinha nas mãos daqueles homens perversos teve reforçada sua resolução.

Podia não gostar do que fora forçada a fazer, mas, até que pudesse achar um modo de escapar disso, não tinha alternativa.

— Lamento sobre a saúde do rei, Majestade. Espero, do fundo do coração, que ele esteja se sentindo melhor.

— Morgan está fora de perigo agora, obrigada. Berrou feito uma criança quando o médico tirou sangue dele hoje de manhã, para exames, um bom sinal de que está melhorando. — Marissa virou-se para o filho. — Jantaré com a família esta noite, querido?

Dylan fez que não.

— Estaremos finalizando os detalhes da aliança com Drogheda e Marjorco esta noite, e Owen tem uma conferência agendada para amanhã com os embaixadores dos dois países em Drogheda.

— Não irá com ele?

— Não há necessidade. Owen e eu combinamos que um de nós deveria ficar em Penwyck o tempo todo.

— Talvez. — A rainha pareceu hesitar, mas então reassumiu a postura e deu um beijo no filho. — Pedirei ao chefe Boudreau para guardar um pedaço

## *Projeto Revisoras*

de torta para você. Boa noite, amor.

O pulso de Emily acelerou quando a rainha tornou a falar-lhe:

— Cuide-se, Emily, e não hesite em pedir qualquer coisa que precisar.

Rezando para que sua expressão não refletisse uma consciência pesadíssima, Emily sorriu com discrição.

— Obrigada, Majestade.

— Se estiver bem melhor amanhã, talvez gostasse de fazer uma visita pelo palácio. A princesa Megan e a princesa Meredith são ambas boas guias.

"Ora, por favor, pare de ser tão generosa!"

— Eu... não gostaria de incomodar...

— Incômodo nenhum! Sally verificará tudo de que você irá precisar para um passeio pelo palácio.

Como uma autêntica rainha, Marissa deixou os aposentos.

Emily a seguiu com o olhar, sentindo as lágrimas teimando em brotar. "Posso fazer isso", dizia a si mesma, e tocou o anel no dedo, o anel que sua avó lhe dera. "Eu posso!"

— Está tudo bem, Emily?

Ela percebeu que Dylan estava preocupado, e compreendeu que toda aquela bondade, não só do homem, mas de todos, seria sua destruição. Tornando a se recostar nos travesseiros, virou um pouco o rosto, temerosa de que Dylan pudesse fitá-la e adivinhar no que pensava, como Olívia fazia.

— Foi um longo dia, Dylan.

— Eu a deixarei, então.

O príncipe se aproximou, fazendo o pulso de Emily acelerar. Quando se inclinou sobre ela, o calor que emanava de Dylan a arrepiou. Ele a beijara fazia pouco, um simples roçar de lábios, contudo não tão simples assim. Seu corpo respondera ao homem, com vontade e sem autorização.

"Da próxima vez que eu lhe disser que vou levá-la para a cama, significará algo diferente", dissera o príncipe.

Emily não teria energia para resistir, caso ele a beijasse outra vez. Sua necessidade por conforto e segurança era fortíssima agora. Deveria estar satisfeita por Dylan se mostrar interessado por ela. Afinal, não era para isso que fora enviada ali? Para seduzi-lo, para enganá-lo?

No entanto, não havia prazer em saber que Dylan a queria. Como poderia, quando ela era uma mentirosa, uma fraude?

Emily cerrou as pálpebras e o sentiu cobri-la com o grosso edredom até os ombros.

— Descanse, Emily. Estou ansioso por vê-la curada logo.

Um momento depois, ouvindo a porta se fechar com suavidade, Emily deixou que o pranto rolasse livre. Eram lágrimas de raiva, frustração e, acima de tudo, de remorso.

Faria o que aqueles bandidos perversos a obrigavam a fazer, e depois veria cada um deles mofar numa prisão.

Quinze homens do Serviço de Inteligência Real do rei Morgan e do Time da Elite, mais Owen e Dylan, sentaram-se nas poltronas de couro preto em volta da imensa mesa de reuniões.

Quadros a óleo dos reis de Penwyck e diversos duques famosos e

## *Projeto Revisoras*

primeiros-ministros se achavam pendurados nas paredes creme. Copos de cristal, um era frente de cada cadeira, estavam cheios de água gelada, e um bule de prata com café, no meio do tampo numa bandeja com xícaras.

Criados eram permitidos naquele recinto apenas para repor o café e servir sanduíches diversos. Com tantas falhas na segurança nos últimos meses, incluindo o sequestro de Owen e o acidente de avião quase fatal de sua irmã Anastácia, precauções vinham agora na pauta do dia.

Apesar de o palácio estar ainda comemorando a mais recente aliança de Penwyck com os Estados Unidos, havia dois principados, Drogheda e Marjorco, que ainda acertavam detalhes.

Dylan ouvia o almirante Montequê, o chefe da Marinha Real de Penwyck, dar sua sugestão para o desacordo sobre águas internacionais, um importante tema que Owen estaria negociando com os embaixadores de Drogheda e Marjorco na conferência do dia seguinte. Se tudo corresse bem, as alianças com ambos os países seriam completadas dentro de um mês.

Owen, que estivera sentado ao lado de Dylan, ficou de pé após a conclusão da sugestão do almirante.

— Acredito que cumprimos toda nossa agenda por hoje, senhores. Obrigado a todos pela presença. Meu pai está se recuperando rápido, e envia-lhes lembranças.

Um aplauso caloroso irrompeu após as palavras de Owen. O rei e seus conselheiros foram esquecidos nos últimos meses. Houve apenas o caos desde que o irmão gêmeo de Morgan, Vincent, fora indicado, temporariamente, para assumir o reino, mas, uma vez que fora forçado a declinar do poder duas semanas atrás, a ordem começava a ser restabelecida pouco a pouco.

E Vincent, para espanto de todos, não era encontrado em lugar algum.

Existiam acusações de que o tio de Dylan estava ligado aos Cavalheiros Negros, algumas até mesmo sugeriam que era o líder deles. Mas, por enquanto, não havia prova conclusiva. Era difícil acreditar que Vincent pudesse aliar-se a um grupo fanático de ativistas, cujo único propósito era rachar o governo de Penwyck, mas Dylan sabia que isso era possível, sem dúvida.

Vincent amargara o fato de Morgan ter sido escolhido para reinar em Penwyck pelos últimos trinta anos. Sua amargura poderia muito bem tê-lo aliado ao grupo terrorista. No entanto, se estivesse associado aos Cavalheiros Negros, Dylan jurava que descobriria. E puniria o tio, independente de ser irmão do rei, seu pai. Não havia nenhuma compaixão por alguém filiado aos Cavalheiros Negros.

— Desculpe-me, Alteza. — Pierceson Prescott aproximou-se de Dylan, enquanto alguns outros se espalhavam pelo ambiente. — Posso lhe falar?

— Claro.

— Você me pediu para checar sobre a mulher que atropelou na estrada. — Pierceson o conduziu para um canto tranquilo.

— Emily.

— Parece ser esse mesmo o nome dela. A bicicleta foi alugada na vila, de um vendedor chamado Joseph Wellman. Ela assinou um formulário obrigatório, que é na verdade um documento de responsabilidade por acidentes e a promessa de devolver a bicicleta na mesma condição que foi alugada. O

## *Projeto Revisoras*

pulso de Dylan acelerou.

— E então?

— Esse é o problema. — Pierceson meneou a cabeça. — Não há "então". A jovem assinou apenas o primeiro nome: Emily. Estava sozinha quando alugou a bicicleta e pagou em dinheiro, dizendo ao sr. Wellman que faria um passeio e que a devolveria em poucas horas.

Dylan franziu a sobrancelha.

— Isso é tudo?

— O sr. Wellman admitiu que se interessou por Emily e por isso perguntou se ela não queria alugar uma bicicleta para o marido. Ela lhe respondeu que não, dizendo que não era casada. Estou checando as áreas locais à procura de carros abandonados e também tentando encontrar nas hospedarias e nos hotéis algo que combine com a descrição dessa moça.

"Quer dizer que Emily não é casada..." Dylan sentiu alívio e prazer, embora conservasse o semblante impassível.

Ao final da conversa, a única conclusão: a encantadora Emily permanecia um mistério a ser decifrado.

## **CAPÍTULO V**

Uma coisa era ler sobre os ricos e privilegiados, pensava Emily, ouvindo o tagarelar intempestivo de Sally no closet. O dinheiro, os criados, o cozinheiro particular e as roupas de grife... Outra, muito diferente, era fazer parte disso tudo, estar vivendo a vida que a maioria das pessoas apenas sonhava existir.

Para ser sincera, era maravilhoso, embora aterrador ao mesmo tempo. Emily examinou a blusa branca, simples, de algodão e a calça de lã bege que usava. Ambas as peças tinham a etiqueta de um renomado estilista internacional.

E se tudo aquilo não bastasse, havia ainda o suéter de cashmere que Devonna insistira que ela pusesse. Deus do céu! Com o salário de professora na Escola Elementar Clarton, jamais poderia usar aquela luxuosa vestimenta.

Com um suspiro, sentou-se no canto da cama. Sentia falta de suas alunas.

Darin Donaldson, com seus cabelos ruivos rebeldes e as intermináveis perguntas, Edwina Barron, com seu perfeito rabo-de-cavalo e grandes olhos azuis, Molly Gibson, cuja ri-sadinha crônica interrompia a aula a todo instante. Enfim, sentia saudade de todas elas. Estava certa de que estariam bem com a professora substituta por apenas duas semanas. Além do mais, as férias chegariam em breve. Tudo, portanto, ficaria bem.

A menos que algo saísse errado.

A pontada no estômago piorou. Mesmo que fizesse tudo o que aqueles homens horríveis lhe ordenaram, mesmo se lhes desse à informação que queriam, como teria certeza de que eles não matariam sua avó? Ou a ela?

Mas não poderia saber, claro. E decerto não tinha confiança nenhuma de que aqueles sujeitos honrariam a palavra dada. Tentara convencer a si mesma que eles não tinham motivo para ferir ninguém se ela obedecesse às ordens impostas. Afinal de contas, estava cometendo um crime, e jamais poderia contar a ninguém o que fizera. Se contasse, seria presa. Então, quem tomaria conta de sua avó?

Emily preocupava-se. A visão de Olívia já não era tão boa como um ano atrás e, algumas vezes, esquecia-se de tomar seu remédio para pressão.

No entanto, houvera uma precaução que Emily tomara para proteger sua avó e a si mesma. Na noite em que recebera o primeiro telefonema, a secretária eletrônica atendera no mesmo instante que ela, e a conversa inteira fora gravada. Tudo estava agora numa fita cassete, guardada em lugar seguro.

Sabia que isso não a livraria da prisão, mas pelo menos poderia, de algum modo, impedir que aqueles bandidos decidissem que não queriam alguém vivo que pudesse testemunhar contra eles. A fita gravada era um trunfo, e ninguém sabia sobre isso. E Emily não contaria a ninguém até que tivesse terminado sua tenebrosa tarefa.

Assim, precisava concentrar-se na razão de estar ali e no que viria pela frente. Um serviço nada fácil, considerando que não podia parar de pensar em Dylan.

Passara a maior parte da noite acordada, não só pela sensação de

## *Projeto Revisoras*

culpa, mas por reviver o toque dos lábios dele contra os seus, o calor do corpo musculoso quando a segurara nos braços e o ardor da paixão naqueles olhos azuis quando a fitara.

Mesmo quando conseguiu dormir, os sonhos foram povoados com imagens dele beijando-a, pegando-a no colo e levando-a para sua cama. Imagens da pele quente contra a dela, das mãos fortes tocando-a com desejo, da excitação crescente. Então, Dylan a contemplara dos pés à cabeça, deitara-se sobre ela e movimentara-se entre suas coxas, entreabrindo-as. Emily se rendera ao fascínio, ansiosa, esperando-o dentro de si.

Mas num segundo Dylan se ergueu, a expressão de desejo sendo substituída por raiva. Caminhou até a janela e fitou o jardim do palácio, onde um homem com uma mortalha negra jazia junto a uma forca.

Emily acordou ofegante, o coração disparado. Seria um presságio? Estaria destinada a falhar?

Depois disso, não conseguira mais dormir, e um temor terrível apossou-se dela.

Uma batida na porta a sobressaltou, e Sally entrou no quarto. A princesa Megan mandara dizer, na véspera, que ficaria encantada de levar Emily para um tour pelo palácio e que a pegaria no aposento de hóspedes às dez horas da manhã.

Emily pensara em fingir uma dor de cabeça, mas já desistira. Dissera mentiras demais. Além do que, se ia mesmo fazer o que aqueles sujeitos lhe ordenaram, era importante estar familiarizada com o esquema e disposição do palácio.

Respirando com dificuldade, saiu do leito e tentou ignorar as vibrações de seus nervos. Já perguntara a Sally a maneira apropriada de cumprimentar uma princesa, e agora rezava para não tropeçar no próprio pé quando fizesse a reverência.

Outra batida.

Entretanto, quando Sally foi atender, não era a princesa Megan, mas sim Dylan.

Sally fez uma reverência e deu um passo para o lado.

Dylan assentiu.

— Sally.

Com o pulso acelerado, Emily hesitou, e então também se inclinou, respeitosa. Sentiu-se desengonçada com aquele ato cortês, mas ficou satisfeita por pelo menos ter conseguido.

Dylan olhou para Sally.

— Vi Ryan O'Connor no jardim esta manhã, podando as roseiras de minha mãe, e ele perguntou por você.

Sally esboçou um sorriso largo.

— Ry... o sr. O'Connor quis saber de mim?

— Ele disse que não a vê já há alguns dias e esperava que você não estivesse doente.

— O sr. O'Connor se preocupou comigo? — A criada suspirou, sonhadora, mas logo em seguida recordou-se onde estava e enrubesceu. — Eu... estive ocupada com a srta. Emily.

## *Projeto Revisoras*

— Ryan me pareceu bastante aflito, Sally. Talvez você devesse ir lá e dar uma palavra com ele para tranquilizá-lo.

— Agora? — Sally parecia atônita por o príncipe estar sugerindo tal coisa. — Mas meus deveres estão aqui, no palácio, com a srta. Emily, e eu não poderia...

— Se alguém questionar, diga para falar comigo.

Mesmo que quisesse argumentar com Dylan, o que não faria, nem queria, Sally não podia desacatar uma ordem real. Seus olhos se encheram de excitação quando o reverenciou de novo.

— Como quiser, Alteza.

— Sua Alteza virou casamenteiro? — Emily o olhava, espantada, depois da saída da criada.

— De modo algum. Mas, se Ryan não puder se concentrar em seu trabalho, as roseiras de minha mãe vão se estragar, e será aquele deus nos acuda. — Sorrindo, fechou a porta e deixou que o olhar percorresse o corpo inteiro dela. — E estamos sozinhos agora, Emily. Sou apenas Dylan, lembra?

A intensidade nos olhos dele e o tom sugestivo da voz provocaram um frémito que subiu pela espinha de Emily.

Dylan vestia roupas informais. Uma jaqueta de tweed azul-marinho sobre um suéter de gola olímpica azul-claro e calça bege. Com aqueles cabelos escuros e a aparência robusta, irradiava masculinidade. E era muito sexy. Como uma mulher podia deparar com Dylan e não imaginar lençóis amarrotados, beijos ardentes e sussurros noturnos?

— Eu... estava esperando sua irmã. A princesa Megan mandou dizer, ontem, que estaria aqui às dez horas.

— Ela pede desculpas, mas não virá. — Dylan se aproximou mais. — Está grávida de sete meses, e parece que o bebê a manteve acordada até de madrugada, mexendo-se sem cessar.

Emily imaginou como se sentiria com uma criança crescendo dentro de si. Isso poderia nunca acontecer, conscientizou-se, com uma ponta de tristeza. Se fosse descoberta, corria o risco de passar o resto de seus dias na prisão.

Lutava para prestar atenção a Dylan, em vez das possíveis consequências de sua fraude.

— A princesa ficará bem?

— O médico já a examinou e assegurou que tanto ela quanto o bebê estão ótimos.

— Boa notícia para todos, sem dúvida.

Quando o olhar dele fixou sua boca, Emily sentiu o coração disparar. Com Dylan ali tão perto, quase não conseguia raciocinar com coerência. Poderia dar um passo atrás e se afastar um pouco, mas ficaria junto à cama, de modo algum um bom lugar para estar com ele olhando-a como se quisesse devorá-la.

Quando Dylan estendeu a mão e tocou-lhe o queixo, examinando em detalhes seu rosto, Emily se arrepiou.

— Isto ainda dói? — Com o polegar, ele roçou com delicadeza o hematoma.



## *Projeto Revisoras*

— Não.

— O inchaço desapareceu. E a mancha clareou bem.

— Gelo.

Ele sorriu.

— Gelo?

— Quilos de gelo. Não sei como minha pele não congelou.

Dylan sacudiu a cabeça.

— Sua pele é quente demais, Emily.

"Como meu interior." A proximidade dele, o carinho, a profunda entonação e a intensidade do olhar estavam fazendo-a derreter por dentro.

— Vamos?

Emily queria muito mais dele, mas não era certo. Mas por quê? Não era para isso que estava lá? Para ficar perto de Dylan e fazer o possível e o impossível para ganhar sua confiança?

"Vamos?" Um convite ou uma ordem? Tanto fazia. Tudo o que vinha daquele homem a seduzia. Fazia-a querê-lo, embora não tivesse o direito. Fazia-a tremer de desejo quando precisava desesperadamente manter a compostura.

Fora para ficar a sós com ela que ele mandara Sally embora?

— Eu... Aqui? — Emily engoliu seco.

Dylan a fitou com um misto de divertimento e desejo.

— Bem, costumamos começar as visitas ao palácio pelo hall de entrada e salão de baile, mas se você quiser começar por aqui... — Ele indicou a cama.

"Céus! Dylan está se referindo a um giro pelo palácio, e não me convidando para ir para cama!", conscientizou-se Emily, enrubescendo perante o engano.

— Você... está me levando para uma visita ao palácio?

— Isso era o que eu pretendia, mas se há algo mais que prefira...

— Não! Quero dizer, adoraria tê-lo como guia. Mas você é tão ocupado! Como pode ter tempo para coisas tão triviais? Tem reuniões e compromissos e... e as obrigações de um príncipe.

— Não há reuniões agendadas até que meu irmão volte de Drogheda, não tenho compromissos até o fim da tarde, e já cumpri com meus deveres. Mas se você não estiver com vontade de passear pelo palácio... — Ajeitou diversas mechas perdidas atrás da orelha dela. — ...podemos ficar aqui.

Emily soube que precisava sair daquele quarto naquele minuto, para longe daquele leito. Tinha de pôr uma distância entre eles para que pudesse raciocinar. Perante outras pessoas Dylan não a tocava do modo como fazia em particular, e não a olhava como se a visse nua.

E em público, ela própria não desejaria com tanto ardor que o príncipe fizesse todas as coisas maravilhosas que seu toque e seus olhos prometiam.

— Ficar aqui... — Dylan deslizava a ponta do dedo pelo pescoço dela. — ...ou sair?

— Estou pronta. Adorarei conhecer o palácio.

Fazia um longo tempo que Dylan passara a enxergar seu lar de outra maneira, e sentia orgulho e prazer de ver Emily observando com minúcia cada

## *Projeto Revisoras*

recanto.

Ele começara o tour pelos fundos, levando-a através da galeria de retratos pintados a óleo de seus ancestrais, depois a sala de jogos e teatro, os escritórios, a ala privativa da família e, por fim, a frente do palácio.

A estupefação brilhava no rosto dela diante de cada cômodo. Agora alcançavam a sacada do segundo andar do enorme salão de baile, e Emily ficou tonta com a beleza e sofisticação de tudo aquilo.

Pelo fato de ter crescido ali, a opulência e elegância de sua casa era normal para Dylan, apesar de ter consciência de que o palácio não tinha nada de comum.

Sua infância fora protegida, tivera tutores, babás, motoristas. E o pior de tudo: guarda-costas. Dylan detestava ser seguido e observado a cada passo, razão pela qual sempre inventava esquemas para despistar os atentos seguranças.

Em mais de uma ocasião, causara à mãe preocupações por sua desobediência às regras e falta de disciplina. Quanto aos estudos, era quase preciso amarrá-lo a fim de obrigá-lo a estudar.

Contudo, para espanto de todos, Dylan brilhara em matemática, história e física, e graduara-se aos vinte anos pela Universidade de Oxford, em administração de empresas.

Depois de outros dois anos, como contato dos interesses comerciais europeus de seu pai, rebelara-se outra vez. O rei Morgan ficou furioso quando Dylan o informou que estava abandonando a função. Aos vinte e dois anos havia muito para ver e fazer. Tudo em sua vida foi sempre estruturado e seguro demais. Precisava, queria, perigo.

Trabalhar com a Graystroke lhe dera tudo aquilo e muito mais. Pela primeira vez, ganhara anonimato, trocando sua aparência e criando uma identidade própria, e tivera total liberdade.

E agora que experimentara a liberdade, entendia o quão preciosa era. Dera-se conta da importância de fazer parte do governo de seu próprio país, e que não era apenas um dever, mas uma honra servir ao povo de Penwyck.

— Dylan, tudo é tão bonito! — Emily, reverente e suave, observava o salão de baile. — E a escadaria, tão requintada!

Em pé ao lado dela, Dylan pousou as mãos em suas costas e fitou as escadas.

— Meu irmão, Owen, e eu costumávamos escorregar pelos corrimãos quando éramos crianças, e quase matávamos nossas babás de nervoso.

De olhos arregalados de surpresa, Emily o encarou por sobre o ombro.

— Então vocês foram crianças normais?

Estranho que ele tivera aquele mesmo pensamento apenas um momento atrás. Contudo, não deixou de notar o quê provocativo na entonação dela, e lhe deu um meio sorriso.

— Está dizendo que não sou normal agora?

Emily deu risada.

— Estou dizendo que crianças têm uma maneira de fazer travessuras, independente dos melhores esforços dos pais para impedi-los.

Aquela era a primeira vez que ele a escutava rir. E gostou do som e

## *Projeto Revisoras*

do brilho nos olhos verdes.

— Você fala por experiência, Emily. Está se recordando de algo? Sobre sua família, talvez? Quem sabe filhos?

Dylan testemunhou o brilho nas pupilas dela desaparecer.

Não considerara até então que Emily podia ser mãe. Pierceson o informara de que o vendedor de bicicleta dissera que ela não era casada, o que não impedia que tivesse um filho. Embora jovem demais, poderia talvez ser divorciada. Ou mãe solteira.

— Seria horrível se eu tivesse família, pessoas que se importassem comigo, e estivessem agora pensando que desapareci — ela sussurrou, a voz embargada.

Dylan a pegou pelos ombros e a girou para vê-la frente a frente.

— Nós verificamos com as autoridades locais. Não há nenhum registro ou queixa de pessoa desaparecida. Se tivesse família, e eles soubessem que você havia desaparecido, não acha que teriam dado queixa na polícia? Você não procuraria por alguém com quem se importasse muito?

— Sim.

Havia tormento no semblante dela. Dylan se confrangeu. Até que pudesse descobrir tudo sobre Emily, jurou a si mesmo que conservaria a mente dela ocupada com outras coisas.

— Você está ouvindo?

— Ouvindo o quê?

— A música.

— Não ouço nada, Dylan.

— Acredito que seja uma valsa. Ah, claro, Danúbio Azul! Poderia dar-me o prazer desta dança, srta. Emily?

Quando Dylan deu um passo atrás e se inclinou, oferecendo-lhe a mão, ela o fitou como se ele fosse maluco.

— Dylan, você não tem de...

— Você está me recusando? Uma recusa para Sua Alteza Real de Penwyck?

— Ora, claro que não lhe estou recusando, Alteza. Sinto-me honrada.

— E com uma reverência, aceitou a mão dele.

Dylan a enlaçou pela cintura e a puxou para si. Na varanda, Emily seguiu os passos floreados dele como se a música estivesse mesmo tocando.

— Você veio ao baile com alguém que se ofenderia por eu a estar segurando com tal intimidade, senhorita? Um amante, talvez?

Ela vacilou um momento, e então se afastou um pouco, desviando-se.

— Sim, Alteza. Estou aqui com o conde Archibald Popolakis. Ele ficará enciumado de suas atenções.

— Conde Popolakis... — repetiu Dylan, com desdém, dando um rodopio. — Eu conheço o salafrário. Ordenarei ao Exército Real que o prenda no calabouço.

— Oh, obrigada, Alteza! — brincou Emily com ar teatral. — Mas devo preveni-lo. Às badaladas da meia-noite, eu me transformarei numa simples camponesa que passou a vida inteira lavando e cozinhando para a madrastra e suas três filhas malvadas.

### *Projeto Revisoras*

— Nesse caso, eu as porei no calabouço com o conde, e você será minha — afirmou Dylan. — Estou precisando de uma mulher que cozinhe e faça limpeza.

O som da gargalhada dela o agitou. Não podia recordar-se da última vez em que se permitira brincar, como fazia naquele instante. Talvez nunca tivesse brincado. As mulheres se preocupavam apenas em impressioná-lo e seduzi-lo. Por outro lado, Dylan não se importava com essas investidas femininas, porque, afinal, a coisa toda acabava na cama, e era satisfatório para ambos.

No entanto, com Emily existia algo diferente. Lógico, ele a queria na cama. Passara a maior parte da noite vagando pelos aposentos, o corpo frustrado de desejo por ela. O que era diferente, e que ele não podia entender, era a profundidade de seu anseio de tomar conta de Emily, de protegê-la. De estar com ela. A alegria que sentia em fazê-la rir.

Preocupado com a direção das conjecturas, Dylan balançou a cabeça, dizendo a si mesmo: "Sexo é a única verdade. O que você sente por Emily não é nada mais que atração física entre um homem e uma mulher, meu camarada".

Havia muitos acontecimentos no palácio e no país agora, e Dylan estava tenso, era isso. E seus instintos sabiam muito bem qual o melhor modo de aliviar a tensão.

Ele a rodopiou várias vezes, e Emily ofegou diante do movimento inesperado. Porém, antes que pudesse dizer algo, Dylan a trouxe para si e a beijou com intensa paixão.

## **CAPÍTULO VI**

No momento em que a boca de Dylan pressionou seus lábios, pareceu a Emily que o mundo parara.

Por aquele instante fugaz não pôde respirar ou liberar-se dele. Sabia que Dylan a estava beijando, mas não conseguia reagir.

Então, o sangue fluiu livre por suas veias, numa onda avassaladora de calor, desejo e desespero.

Se ao menos tivesse pressentido que aquilo iria acontecer, poderia ter se preparado, protegendo-se de alguma forma, da explosão atordoante que atingira seu âmago.

Mas Dylan a pegara desarmada, e ela não tivera tempo de se defender.

Emily foi, aos poucos, soltando a respiração, e entregou-se ao beijo, com uma intensidade que a chocou. A boca dele era determinada, mas não exigente, e quando ela o sentiu passar com delicadeza a língua em seus lábios, abriu-se para ele, gemendo baixinho.

Era maravilhoso, concluiu, aturdida. O gosto delicado de menta, o cheiro masculino da pele, a pressão do corpo rijo contra o seu. Sentia como se todas as cores do arco-íris dançassem em sua mente, num caleidoscópio de volúpia.

Quando Dylan intensificou o beijo, Emily deslizou as mãos pelas costas dele, sentindo a batida retumbante do coração sob as palmas. Foi quando percebeu que beijá-lo era como uma corrida, na qual seu corpo a traía no aguardo desesperado de alcançar a linha final.

Ergueu os braços e enlaçou o pescoço dele, pondo-se na ponta dos pés, para que pudesse senti-lo ainda mais próximo de si.

A língua dele passou a explorá-la com intimidade.

Em algum lugar longe dali, vozes fizeram Dylan interromper o beijo. Quando os joelhos fracos a fizeram oscilar, duas mãos fortes a seguraram, empurrando-a para trás de uma janela da parte superior do salão, que dava para a sacada e estava fechada por uma pesada cortina de brocado verde.

— Parece que não somos os únicos visitando o salão de baile — sussurrou Dylan, irritado.

As vozes aumentaram de volume, e Emily percebeu que vinham do andar inferior. Espiou pela fresta da cortina e viu um grande grupo de pessoas no hall de recepção. Daquele ponto, todos poderiam tê-los visto naquele momento apaixonado, na sacada.

De repente, um dos homens chamou-lhe a atenção. Era alto, de jaqueta de couro preta, cabeça raspada, olhos malignos.

"Sutton!" Aquele ser medonho estava no palácio!

Ofegante, Emily se virou e, sem se dar conta, agarrou-se a Dylan, lutando contra o ímpeto desenfreado de descer, apontar Sutton e exigir que fosse preso.

Mas que bem isso faria? Os comparsas dele, que estavam com sua avó, descobririam e poderiam até...

"Não!" Cerrando as pálpebras, afastou o pensamento. Não podia sequer cogitar que ferissem Olívia.

## *Projeto Revisoras*

— Você está bem, Emily?

— Eles quase nos viram! — Ela abriu os olhos e agarrou Dylan pelo suéter, num gesto desesperado. — Eles quase nos viram!

— Está tudo bem. — Beijou-lhe a testa. — Não seria o fim do mundo se nos vissem. Apenas uma amolação.

— Não... eu... — Não podia contar-lhe a verdade, apesar de querer tanto fazê-lo.

— Você está pálida. — Dylan cobriu as mãos dela com as suas. — E gelada!

— Estou bem. — Afrouxou os dedos no suéter. — Sinto-me cansada, só isso. Vamos voltar agora?

Ele a estudou por um longo momento.

— Certo. Visitaremos os jardins quando você estiver se sentindo melhor.

— Obrigada. — Emily começou a se afastar, mas ele a deteve junto de si.

— Da próxima vez em que beijar você, esteja certa de que não haverá interrupções.

O coração disparou mais uma vez, mas Emily nada disse.

O som das vozes aumentou. Os visitantes subiam a escadaria. Um arrepio de pânico percorreu-lhe a espinha. Ela sabia que, se ficasse face a face com Sutton, poderia estragar tudo.

— Devemos ir agora, Dylan.

O príncipe a liberou, guiando-a pelo caminho que tinham feito antes para chegar lá.

Ambos mantiveram-se calados no trajeto até a suíte. Apesar de Emily ainda se sentir abalada pelo beijo de Dylan, o fato de saber que Sutton se encontrava no palácio deixou seus já frágeis nervos em frangalhos.

Quando alcançaram a porta dos aposentos de hóspede, Emily sentiu que poderia desmaiar se Dylan a tocasse. Precisava de uma distância daquele homem, sem demora. Pelo menos um continente de distância, pensou, mas sabia que mesmo assim, pensaria nele.

Detestava a si mesma pelo que fizera, mas queria-o do mesmo modo.

— Agradeço muito pelo tour, Dylan. — Emily pegou a maçaneta, rezando para que ele não visse sua mão tremendo. — O palácio é lindo, e apreciei o tempo que você tomou de sua ocupada agenda para me mostrar tudo.

— Foi um prazer, madame. — Um sorriso despontou nos lábios dele. — Mas espero que o prazer não tenha sido só meu. Adoraria levá-la para passear mais tarde, mas lamento ter planos preestabelecidos para esta noite.

"Decerto outra mulher", imaginou Emily, sentindo-se ridícula. O que lhe importava o que ele iria fazer? Era perigoso e uma grande besteira permitir-se se envolver por Dylan. Nunca haveria algo entre os dois. Tivera certeza disso desde a primeira em que lhe contara uma mentira.

Emily o fitou, rezando para que Dylan não notasse nada através da máscara de indiferença que lutava para se impor.

— Você já foi mais do que generoso com seu tempo para mim.

## *Projeto Revisoras*

— Amanhã terei uma reunião por telefone com meu irmão, de manhã, e um almoço de negócios com o duque de Sydebotton. Depois disso, virei buscá-la aqui para terminarmos nosso passeio.

Não era um pedido, percebeu Emily, mas quase um decreto.

— Terminar o passeio?

— Falta visitarmos os jardins. O clima deverá estar bom amanhã, e será gostoso caminhar ao sol.

Emily queria protestar, porém, baseada na determinação daqueles olhos azuis que a fitavam, estava certa de que objetar seria perda de tempo.

— Será maravilhoso. — Experimentou um misto de pavor e excitação ao pensar que no dia seguinte estaria do lado de fora do palácio, sozinha com Dylan, longe da vista da família e dos empregados. — Obrigada mais uma vez pela tarde encantadora.

Entrando na suíte, e deixando-o no corredor, soltando um suspiro Emily se encostou contra a porta.

Pousando os dedos nos lábios, tentou não se lembrar da deliciosa boca de Dylan e da traição, não apenas de seu próprio corpo quando respondeu tão ansiosa ao carinho dele, mas da traição que a levava ao palácio.

Todavia, não tinha muito tempo, e sabia disso. Então, naquela noite, enquanto Dylan estivesse fora, entraria nos aposentos dele.

Com uma maleta executiva na mão, Dylan ligou o alarme de sua suíte, fechou a porta e dirigiu-se ao hall de distribuição daquela ala do palácio, onde digitou a senha para adentrar o elevador.

Olhou de soslaio para a câmera no teto, consciente de que sua imagem já estava no monitor de segurança. A tentação de fazer um gesto obscuro e brincalhão sempre surgia quando adentrava o elevador, mas conseguiu resistir. Um homem com uma missão tão séria jamais deveria chamar atenção para si, sabia muito bem.

O elevador parou no subsolo. Dylan saiu e cumprimentou o guarda a postos e caminhou através do túnel privativo sob o palácio. Em seguida, dobrou à esquerda e passou pelos escritórios onde o Time da Elite Real de Penwyck mantinha sua base.

Diversos guardas da área perfilaram-se e o cumprimentaram durante sua passagem. Mas Dylan não parou, receoso de que suspeitassem o que fazia. Se fosse flagrado com o contrabando de sua maleta, haveria sérias consequências.

No fim do túnel, galgou uma escada até um conjunto de portas duplas, onde mais dois guardas estavam a postos. O aviso acima das portas, em letras vermelhas, dizia: "Somente Pessoas Autorizadas".

— Sua Alteza Real — disseram os guardas, e apressaram-se em deixar Dylan entrar.

Ele se viu numa pequena sala. De um lado, três poltronas defrontavam um sofá de veludo chocolate. No outro, ficava o departamento de enfermagem particular, reservado para os membros da família real.

— Boa noite, Alteza — cumprimentou a enfermeira detrás do balcão.

— Boa noite, Jennifer. — Dylan comprimiu os dedos na alça da maleta, mas manteve o tom suave. — Dora está de folga esta noite?



## *Projeto Revisoras*

— Sim, Alteza.

Ele atravessou outra porta que conduzia para uma ala de quartos e bateu na primeira, à esquerda. Um agente do Serviço Secreto chamado Jack Myers o recebeu e cumprimentou Dylan, gesticulando para que entrasse.

O rei Morgan, vestido com um longo roupão azul-marinho com um brasão dourado aplicado no bolso e chinelos, levantou-se de onde estava lendo o jornal da tarde. Dylan ainda achava difícil acreditar que um homem robusto e vigoroso como seu pai estivera tão doente.

— Bem, até que enfim. Já era hora!

— Boa noite, papai.

Morgan passou uma mão pelos cabelos ondulados e franziu as sobrancelhas para o filho. Então lançou um olhar para Myers.

— Deixe-nos.

— Mas, Majestade, a rainha disse...

— Deixe-nos! Enquanto eu estiver respirando, ainda sou o rei e dou as ordens aqui.

Nervoso, o homem fez uma mesura e deixou a saleta.

— Não temos muito tempo. Sua mãe tem espiões em todo lugar. Você trouxe?

Dylan colocou-se ao lado do pai, depositou a maleta sobre uma mesa, abriu-a e tirou dela uma caixa de plástico, que entregou ao rei.

O monarca a abriu e olhou para o sanduíche de pão de centeio com presunto. Seu rosto se iluminou de prazer quando pegou o sanduíche e deu uma mordida. Fechando os olhos, gemeu deliciado.

— O que eu não daria por uma cerveja para acompanhar isto...

— Absolutamente nada. — Dylan sentou-se na poltrona de couro, diante dele. — Mamãe cortará nossas cabeças se descobrir o que ando fazendo.

— Cereais, ovos quentes e frango cozido. Eles alimentam os cavalos reais melhor do que a seu próprio rei — resmungou Morgan, depois de outra mordida. — E então, conte-me o que está acontecendo do lado de fora deste calabouço onde fui exilado.

Morgan escutou atento Dylan colocá-lo a par das novidades. Owen estava em Drogheda, negociando uma aliança com a ilha vizinha, e a ilha de Marjorco também. Dois conhecidos membros dos Cavalheiros Negros tinham sido localizados num bar na cidade, mas fugiram antes de serem presos. Vincent, o irmão de Morgan, fora forçado a renunciar como governante temporário de Penwyck, e havia suspeitas de que o próprio Vincent estava ligado ao grupo de rebeldes dissidentes.

— Bastardo traidor! — Morgan sacudiu a cabeça, desgostoso. — Pensar que meu próprio sangue prejudicaria este país e sua própria família enfurece-me. Há provas?

— Ainda não. — Dylan pôs a embalagem vazia do sanduíche de volta na maleta e a fechou. Era importante remover todas as evidências que pudessem incriminá-lo. — O Time da Elite Real está trabalhando para localizar a sede dos Cavalheiros Negros, mas até agora nada de novo.

Morgan pôs uma mão no ombro de Dylan.

— Senti muito sua falta nestes dois últimos anos, filho. Está pronto

## *Projeto Revisoras*

para me contar o que esteve fazendo pelo mundo afora?

Dylan sorriu.

— Caçando mulheres e bebendo até cair, todas as noites. O que mais?

O rei soltou uma sonora gargalhada e voltou a atenção ao que restava de seu lanche.

— Eu lhe ensinei bem, meu rapaz. Deus me livre que sua mãe nos ouça! Mulheres não têm muito senso de humor sobre essas coisas.

Dylan achava que Marissa também não teria muito senso de humor se descobrisse que seu filho estivera trabalhando para um grupo de forças especiais em Boróvkia. Era melhor deixar seus pais acreditarem que estivera farreando naqueles dois últimos anos, e não resgatando homens de negócios e civis inocentes sequestrados.

O rei examinou o filho, pensativo.

— Falando em mulheres, ouvi algumas histórias interessantes sobre uma certa beleza morena pela qual você está enfeitiçado. Emma, é isso?

Dylan experimentou uma centelha de aborrecimento, mas controlou-se. Sabia que não havia segredos no palácio e que a criadagem inteira devia saber qual a cor das meias que ele usava a cada dia. Tivera de conviver com falta de privacidade desde sempre, e podia apenas aceitar isso como parte de ser quem era.

— Emily — corrigiu, mais irritado do que pretendia. — E não estou enfeitiçado por ela. Apenas sinto uma certa responsabilidade, isso é tudo. Quase matei a pobre moça, papai, pelo amor de Deus!

— Responsabilidade? Só isso? Com um pouco de luxúria para diminuir o gosto amargo, não é?

Apesar de seu aborrecimento, Dylan sorriu.

— Talvez.

Morgan sorriu também.

— Uma coisa saudável a luxúria. Divirta-se enquanto é jovem, filho. Eu me lembro de quando sua mãe e eu... Bem, esqueça. Que tal jogar cartas?

Grato por não ter de ouvir sobre as experiências sexuais de seus pais na mocidade deles, Dylan procurou o baralho e indagou:

— Canastra?

— Sim. Jogaremos a melhor de três. Se eu ganhar, amanhã você me trará um charuto.

— Tudo bem. — Perante aquelas condições, Dylan sabia que não poderia perder. — E se eu ganhar você terá de comer seus ovos quentes e frango cozido até que o dr. Waltham mude a dieta.

— O dr. Waltham não sabe nada. — Morgan esfregou as mãos, alegre. — Dê as cartas, filho!

Brilhos de prata do luar atravessavam as janelas e refle-tiam no assoalho sobre o grosso carpete azul. Emily jazia na cama, olhando para a porta fechada de seu quarto, prestando atenção a qualquer som no corredor. O palácio estava silencioso demais.

Sally fora generosa nas informações referentes aos planos da família real para aquela noite. Emily já sabia que a rainha e as filhas estavam entretendo o duque e a duquesa de Haberson, que o príncipe Owen se

## *Projeto Revisoras*

encontrava ausente e que o príncipe Dylan dera folga a seu camareiro, o que costumava significar, dissera Sally com malícia, que Sua Alteza Real jantaria fora e só voltaria na manhã seguinte.

Emily sabia que devia se alegrar com aquela notícia. Afinal, não era ter Dylan fora a noite inteira tudo de que precisava? Se não fosse assim, como entraria na suíte dele?

Mas não estava alegre, de jeito nenhum. Estava, sim, aterrorizada.

Poderia ser flagrada e presa. E ser levada embora dali algemada, enquanto todos que foram tão gentis com ela a olhariam com profundo desprezo.

"Pare!", ordenou a si mesma. Não podia pensar naquilo. Não havia espaço para arrependimentos ou novas considerações. Tinha de se concentrar apenas em ser bem-sucedida. Devia ter em mente sua avó sendo libertada sã e salva.

E, apesar de ter tentado negar a tarde toda, havia algo mais que necessitava admitir, também: detestava a ideia de Dylan com outra mulher, em especial depois da maneira como ele a beijara na sacada.

Será que beijava todas as mulheres daquela maneira? Será que as fazia sentir o que ela própria sentia? Óbvio que sim. Sabia que Dylan a queria no leito, isso ele deixara bem claro. O que não significava que ela era especial da maneira como uma mulher quer ser especial para um homem. Esperara a vida inteira para encontrar aquele que a faria sentir-se daquela maneira... ardendo por dentro, num anseio incontrolável, flutuando no ar.

Suspirou diante de suas tolices. Em seguida, saiu de baixo das cobertas e, tremendo, mais de medo do que de frio, vestiu um roupão sobre o pijama de cetim verde.

Eram apenas nove horas. Estabelecera o máximo de dez minutos, e então voltaria para seu quarto.

Sem fazer ruído, girou a maçaneta e espiou para fora.

Ninguém.

Os aposentos de Dylan ficavam no final do corredor, à direita. Ele indicara sua suíte quando fizeram o tour pelo palácio, naquela manhã, mostrando que estaria muito próximo se ela precisasse de alguma coisa. Qualquer coisa, para ser mais explícito.

De qualquer modo, Emily já sabia onde ficavam os aposentos dele. Sutton lhe dera um mapa do palácio e o fizera decorá-lo antes de rasgá-lo. Sabia também o código secreto de acesso à suíte.

Um momento depois, perante a placa de segurança e prestes a digitar o código, sentiu as pernas amolecerem.

Sabia o código de cor. Tudo o que tinha a fazer era digitá-lo e entrar. Seria fácil. E só precisaria de alguns minutos lá dentro. Não havia câmaras de segurança ali, tinham lhe dito. A família real insistia em privacidade em seus quartos.

Uma privacidade que ela estava prestes a violar.

Se houvesse ao menos uma outra maneira...

Dylan a ajudaria se lhe contasse a verdade? Ou a levaria para a prisão, deixando Olívia nas mãos daqueles facínoras?

### *Projeto Revisoras*

Não, não podia arriscar. Não tinha outra escolha a não ser prosseguir com o plano.

Assim, tornou a olhar o corredor vazio e respirou fundo.

"Você pode fazer isso. Tem de fazer."

Com o coração batendo forte e as palmas suando, levantou a mão para a placa de segurança.

— Emily?

Ela rodopiou ao som daquela voz. Deparou com Dylan, com uma maleta na mão e a expressão interrogativa.

Emily não podia falar. Não podia mover-se. Não podia respirar.

— O que você está fazendo aqui? — Dylan quis saber, franzindo o cenho.

## **CAPÍTULO VII**

— Algum problema? — Dylan ficou impaciente por não receber resposta.

Estivera tão perdido em pensamentos, imaginando Emily dormindo, e como seriam aqueles cabelos deslumbrantes espalhados sobre o travesseiro... O travesseiro dele. Ah, como queria mergulhar as mãos naqueles cabelos e puxá-la para si!

E então a encontrou de pé à soleira de sua suíte, como se fosse uma materialização de seus pedidos aos céus. E ainda usando roupas de dormir.

Com Emily ainda em silêncio, Dylan digitou o código na placa de segurança, pegou-a pelo braço e a guiou para dentro da suíte.

Embora a maior parte da criadagem do palácio estivesse ausente àquele horário, já havia bastante falatório pairando no ar, e ele não queria pôr mais lenha na fogueira.

O quarto se achava às escuras, mas Dylan não acendeu a luz. Em vez disso, colocou a maleta no chão e falou para Emily:

— Sente-se mal? — Levantou as mãos até os ombros dela. — Devo chamar o médico?

— Não, não, estou bem. Você me assustou.

— Está tremendo.

— Eu... tive um pesadelo. Sei que é bobagem, mas parecia tão real! Lógico que não deveria estar amolando você, mas...

— Não está me amolando. — Dylan a abraçou e acariciou-lhe as costas.

Quando ela começou a reagir, segurou-a mais forte.

— Relaxe, Emily, não vou mordê-la. A menos que você me peça.

O corpo feminino trêmulo e quente, o aroma floral e as batidas fortes do coração fizeram Dylan reter-se em resposta imediata. Sem se conter, aninhou-a ainda mais contra si, desamarrou o cinto do roupão dela e mergulhou uma das mãos, procurando a firmeza dos seios.

No entanto, conhecia seus limites e sabia que não podia passar daquilo, rendendo-se às demandas de sua virilidade. Desse modo, afastou-se, tomou o braço dela e a conduziu para o sofá de sua saleta particular.

Um luar esplendoroso através das janelas irradiava sombras prateadas no ambiente.

— Sente-se aqui. Voltarei em um minuto. Dirigindo-se ao bar, apanhou dois copos de cristal e os serviu com gelo e uísque.

Emily hesitou em aceitar, mas acabou aceitando e tomando um gole. Quando começou a tossir, Dylan sorriu e se sentou a seu lado.

— Bem, acho que posso dizer que você não está muito acostumada ao álcool. Porém, o segundo gole descerá melhor, acredite. Agora conte-me seu sonho.

Bebendo mais um gole, Emily fechou os olhos, respirou fundo. Em seguida, fitou-o.

— Eu estava num quarto. Havia uma janela com grades, e um homem tentava me agarrar. Para cada canto que corria, lá estava ele. Não podia me

## *Projeto Revisoras*

livrar do sujeito.

— Você conhece o sujeito do sonho?

Dylan tirou o copo dela e o depositou na mesinha de centro. Depois, puxou-a de encontro ao peito, admirado por sua necessidade de confortá-la.

— Não... — Emily agarrou a camisa dele. — Mas ele é real, Dylan. O camarada, existe.

Existiria?, perguntou-se Dylan. Ou era apenas um pesadelo do qual ela não podia se livrar?

— Ninguém vai feri-la, Emily. Não permitirei que ninguém a machuque.

Ela suspirou, deslizando os dedos pelo tórax dele, e tocou-lhe o queixo.

— Obrigada.

A suave carícia fez o sangue dele ferver. Segurando o pulso dela, beijou-lhe a palma.

— Venha para minha cama, Emily. Fique comigo.

— Nem ao menos sabe quem sou, Dylan.

— Eu te quero, e você me quer. Sinto isso. É o bastante, por ora.

— Talvez. Mas e amanhã?

— Há apenas o agora. Só você e eu.

— Se ao menos isso fosse verdade... — Afastou-se dele e amarrou o cinto do roupão. — Lamento muito, mas não posso.

E, levantando-se, Emily se apressou para a saída.

Dylan ia segui-la, mas parou. Nunca forcara uma mulher a deitar-se com ele e não o faria agora, mesmo que cada célula suplicasse por isso.

Que coisa! Jamais uma garota o frustrara tanto!

Mas podia entender o porquê da relutância de Emily em fazer amor com ele. Ela nem mesmo sabia quem era! Afinal, poderia ter um namorado, até mesmo um noivo.

Dylan estreitou os olhos perante a possibilidade. Não queria nem saber que havia outro homem em sua vida. Batalharia por Emily do mesmo jeito. A menos que fosse casada. Mas não acreditava que fosse.

Pelo que sentia, Emily lhe pertencia.

Não era um homem muito paciente, mas teria de dar um tempo àquela mulher. Suspirando, Dylan voltou a se sentar e recostou a cabeça no espaldar do sofá, pedindo a Deus que ela não o fizesse esperar.

Na manhã seguinte, como prometera, Dylan foi ao quarto de Emily buscá-la para completar o tour pelo palácio.

Ela estivera ansiosa e tensa a manhã inteira aguardando o príncipe, mas agora, que passeavam sob o sol quente do começo da tarde, viu-se, enfim, relaxar.

O palácio do lado de fora era tão bonito quanto por dentro. Havia fontes de mármore, jardins formais, um altíssimo mirante e quadra de tênis.

Apesar de estarem entrando no inverno e as roseiras terem sido podadas, Emily podia imaginar a florada da primavera. Conseguia até mesmo sentir o aroma das exóticas flores ao andarem por um caminho cascalhado, com Dylan explicando-lhe como o mármore das fontes e dos assoalhos internos do

## *Projeto Revisoras*

palácio era extraído das montanhas Aronleigh e trazido em caminhões para comerciantes locais, a fim de ser lapidado.

Estava vestido de maneira informal outra vez, calça caqui, camisa pólo branca e botas marrons.

Emily ficou grata por Sally ter separado as confortáveis roupas que vestia: calça preta, blusa de algodão rosa de mangas compridas e sapatos esportivos de salto baixo e couro macio, embora estivesse certa de que não fora coincidência.

Desde quando fora trazida para o palácio, Dylan preocupara-se com seu conforto. Prestava atenção a cada detalhe, certificava-se de que tinha tudo o que podia querer ou precisar. Fora um doce para ela, fazendo-a se sentir especial.

Como uma princesa...

Emily apontou para uma estátua de minotauro e comentou sobre a história daquele ser, metade touro e metade homem.

— Dizem que a cada nove anos ele devorava sete donzelas e sete rapazes.

— E as vítimas eram jogadas no labirinto onde ele vivia e lutavam para não serem devoradas pela fera. Pode imaginar tamanho desespero, Emily?

Sim, Emily fazia ideia de como aquelas pobres pessoas deveriam sentir-se, vagando num labirinto sem saída, cientes de que estavam prestes a ser trucidadas, num sentimento de completa desesperança.

E Dylan quase a flagrara na noite anterior.

Cada vez que se lembrava daquilo, seu coração disparava. Dez segundos mais e Dylan a teria visto digitando o código secreto na placa de segurança.

E se tivesse conseguido entrar na suíte dele? Deus seja louvado! Se a tivesse flagrado lá dentro, o príncipe teria descoberto a mentirosa que era.

E assim mesmo, a despeito de tudo, quase fora para a cama com Dylan. Se não fosse tão covarde, se tivesse pensado na avó em vez de em si mesma, teria feito amor com Dylan. Poderia ter esperado o momento exato, quando ele adormecesse, e aberto o cofre atrás do quadro a óleo de Monet no estúdio da suíte. Assim, teria descoberto a informação que exigiram dela, e o pesadelo estaria acabado.

— Emily? — Dylan sussurrou no ouvido dela, causando-lhe um sobressalto. — Onde você está?

Ela corou, percebendo que ele a pegara desatenta.

— Sinto muito. Estou meio perdida nesta beleza toda. Perdoe-me.

Sorrindo, Dylan tomou-lhe as mãos e beijou cada um dos dedos.

— Sinto-me um pouco perdido, também. E a perdoo se você me disser que estava pensando em mim.

Aquilo era uma coisa que poderia responder com honestidade.

— Sim, posso garantir.

Dylan apertou-lhe a mão e se inclinou sobre ela, o olhar fixo em sua boca.

O som de alguém pigarreando fez Emily afastar-se. Curioso, Dylan deu um passo atrás e virou-se. Uma jovem se achava a alguns metros, olhando



## *Projeto Revisoras*

Dylan com óbvio interesse. Cabelos castanhos muito compridos e brilhantes, com mechas loiras, caíam-lhe sobre os ombros até a cintura.

— Olá, Dylan. — A moça olhou para Emily e sorriu. — Você deve ser a misteriosa Emily.

— Emily, permita-me apresentar minha irmã, a princesa Anastácia.

Emily fez uma reverência.

— Alteza...

— Estou satisfeita de ver que você está se sentindo melhor. Ouvi dizer que meu irmão a atropelou com sua limusine.

— A culpa foi toda minha, princesa Anastácia. Eu não deveria estar no meio da estrada e...

— Ignore minha irmã, Emily. Ela tem um bizarro senso de humor, às vezes.

— Mas você me ama, de qualquer modo. — Anastácia aproximou-se e deu um beijo no rosto do irmão. — Eu não perderia a oportunidade de provocá-lo.

— Nem eu. — Dylan sorria. — Eu estava mostrando a Emily o Minotauro.

— Era isso o que estava fazendo? — Anastácia deu uma piscadela e voltou-se para Emily. — Meu irmão lhe contou que minhas irmãs e eu mudamos o nome dessa estátua para Dylan? Você sabe, metade touro, metade homem.

Emily achou graça, embora estivesse claro que Dylan não gostou nada da revelação da princesa.

— Pensei que você tivesse de angariar fundos para o hospital, hoje, irmãzinha.

Anastácia consultou o relógio de ouro em seu pulso.

— E tenho. Aliás, estou contando com sua polpuda doação para a enfermaria infantil, Dylan. Pegarei o cheque mais tarde, tudo bem?

Ele fez que sim. Anastácia tornou a voltar-se para Emily e estendeu a mão.

— Foi um prazer conhecê-la.

Emily apertou a mão da princesa e sentiu a sinceridade que Anastácia irradiava.

— O prazer foi meu, Alteza.

Anastácia beijou de novo a face do irmão.

— Perdoe-me por intervir em seu tour, querido. — E se foi.

— Um homem com três irmãs não tem segredos de infância — Dylan se queixou. — E muito menos privacidade.

Pegando Emily de repente pela mão, ele a conduziu através do caminho de cascalho para a garagem onde eram guardados os veículos reais, a passos tão largos que ela quase não conseguia acompanhá-lo.

— Dylan, o que você...

— Psiu!

Havia três limusines pretas brilhantes, duas vans, três carros pequenos e um Jaguar verde. Emily ouviu as vozes abafadas de homens conversando num escritório aos fundos.

Dylan abriu a porta de passageiro do Jaguar e gesticulou para que ela

## *Projeto Revisoras*

entrasse.

— O que você está fazendo? — Emily perguntou, acomodando-se no banco de couro macio.

— Vamos passear!

Quando conseguiu recuperar o raciocínio, Emily percebeu que Dylan dirigia por uma estrada privativa na montanha ao sul do palácio.

— Aonde está me levando?

— Há uma coisa que quero lhe mostrar. — Ele abriu o teto solar, deixando o sol entrar. — Teve mais algum sonho esta noite?

— Não. Dylan, sua família não se preocupará se você desaparecer? Não disse a ninguém para onde ia.

— Eles me encontrarão se precisarem.

Emily sentia-se feliz por estar longe do palácio, mesmo que por pouco tempo. Sempre amara as montanhas, onde fora acampar e pescar com o pai e avô quando garotinha.

A estrada estreitou-se, e a floresta em volta ficou mais espessa.

Quando atravessaram uma ponte de madeira, Emily ouviu o som de água corrente lá embaixo.

Dylan estacionou sob uma árvore e desligou o motor.

— Feche os olhos.

Obedecendo, ela o ouviu descer do carro e abrir a porta do passageiro. Gentil, trouxe-a para fora.

— Não os abra até eu mandar. — Pisando em pinhas, sob o canto dos pássaros, eles caminharam uma boa distância.

— Tudo bem. Pare. — O príncipe foi para trás dela e a segurou pelos braços. — Pode abrir agora.

Emily ergueu as pálpebras e prendeu a respiração.

Estavam à beira de um penhasco muito alto, e o oceano azul-turquesa se espalhava bem abaixo deles, até onde a vista alcançava.

Gaivotas voavam acima, assanhadas pela visão de intrusos, e então mergulhavam no mar à procura de alimento.

— Dylan! É tão lindo!

— Eu esperava que você gostasse.

Emily sentiu os braços másculos enlaçando sua cintura e trazendo-a para mais perto, e permitiu-se recostar contra ele.

— Como poderia deixar de gostar?

Apesar do sol, a brisa gelada a fez estremecer.

— Você está gelada, Emily. Venha comigo.

Foi quando ela notou uma pequena cabana de tijolos a não mais de vinte metros dali, na beira do precipício, aninhada entre pinheiros, com vista para o mar. Um lugar perfeito para uma esposa esperar seu marido de volta ao lar.

Dylan a conduziu pela mão, abriu a porta destrancada e entrou.

O lugar era muito masculino. Madeiras escuras, vigas pesadas formando o teto abobadado e lareira de pedra. Janelas do chão ao teto.

— Esta cabana é minha. Um presente por meus dezoito anos.

Puxando-a, ele fechou a porta e se aproximou da lareira. Emily o

### *Projeto Revisoras*

observou colocar toras de lenha dentro dela e atear fogo. Sem demora, as chamas brotaram e foram aumentando aos poucos.

— A cozinha é ali. — Ele indicou a porta ao lado da estante de livros. — Há queijo na despensa e alguns alimentos na geladeira, se você estiver com fome.

— Obrigada. Estou bem.

Indo até a janela, Emily fitou a imensidão oceânica e se sentiu como se eles estivessem a milhares de quilômetros do resto do mundo.

— A sala estará quentinha em alguns minutos. — Dylan se pôs atrás de Emily e esfregou os braços dela com vigor, tentando aquecê-la. — Então, o que achou de minha cabana?

— É uma beleza!

— Relaxe, Emily — disse Dylan, massageando-lhe o pescoço. — Olhe só como você está tensa.

Ela teve de morder o lábio para não gemer de prazer. Aquelas incríveis mãos jogavam para longe a tensão de seus músculos, ao mesmo tempo que a excitavam. Inclinando as costas contra o tórax poderoso, decidiu aproveitar o breve momento.

"Diga a ele, Emily. Conte-lhe a verdade. Você pode confiar nele. Dylan a ajudará." Ela tentou se concentrar naquela voz, mas, quando o príncipe a fez virar-se e tocou-lhe o pescoço com os lábios, todos os pensamentos desapareceram de sua cabeça.

— Eu te quero, Emily. Deixe-me amá-la.

As palavras ditas com tanto desejo, tanta intensidade, foram sua perdição, ela soube. Não podia mais rejeitá-lo. Não tinha forças.

— Sim. — Emily ficou nas pontas dos pés. — Sim, Dylan.

## **CAPÍTULO VIII**

Quanto tempo haviam permanecido ali na cama, abraçados, depois do ato de amor, nenhum dos dois poderia dizer. Parecia para Emily que o tempo parara. Deitada no peito de Dylan, escutando o forte retumbar do coração dele, sentia-se flutuar.

Já ouvira mulheres falando sobre tais experiências, mas nunca imaginara que fazer amor pudesse ser daquela maneira. Jamais sonhara que o toque de um homem pudesse fazê-la perder por completo o controle dos sentidos, e que dor e prazer estivessem tão intrinsecamente ligados.

No entanto, a despeito de sua inexperiência, estava certa de que o que acabara de acontecer não era um ato de amor comum. Não havia possibilidade de ser.

Seu corpo ainda pulsava, a cabeça girava. Tinha certeza de que nenhum outro poderia tê-la deixado daquela maneira. Só Dylan. O único homem que ela nunca poderia ter. O único homem que jamais iria querê-la depois de descobrir tudo.

— Você está bem, querida?

— Sim. — Pressionando os lábios no peito dele, beijou-o com carinho.

Mas não estava bem. A realidade começava a se fazer presente. A culpa a espicava como um juiz cruel. Cerrando os olhos, suspirou.

"O que vou fazer? Por Deus, o que vou fazer?!"

Mas no fundo sabia. Não havia saída.

Dylan a sentiu afastando-se e sabia que precisava dizer algo significativo. Mas o quê? Que não a teria tomado se soubesse que era virgem? Que sentia muito ter feito amor com ela?

Não. Isso seria uma mentira. Mesmo se soubesse antes, teria amado Emily de qualquer maneira. Porque ela também não estava arrependida. E porque a quisera desde o primeiro momento em que deitara os olhos nela.

O fato de que nenhum outro a houvesse tomado antes não mudaria o que ele sentia.

E, se fosse honesto consigo mesmo, ficara bem feliz por ela nunca ter estado na cama de outro felizardo. Sentia uma enorme satisfação em ter sido o primeiro. Quando ela recuperasse a memória, as coisas poderiam se complicar, mas então eles lidariam com isso.

Nenhuma mulher jamais lhe dera prazer igual àquele. Não era a inocência dela, perdera-se por Emily antes mesmo de saber que era virgem. Era a delicadeza da pele dela, o toque da boca, os suaves sons que emitira quando ele a amara. Aquilo tudo despertava-lhe um desejo quase incompreensível, e não estava certo se gostava disso. Contudo, sabia que era algo que teria de enfrentar.

Todavia, por ora, sentia-se exultante por tê-la em seus braços.

Quando Emily tentou se desvencilhar, a volúpia o dominou outra vez. Dylan queria vê-la atingindo o clímax de novo, gemer contra seus lábios, contorcer-se sob seu corpo... Mas sabia que ela precisaria de um tempo agora.

Suspirando, acariciou-lhe o braço.

— Eu acredito que podemos descartar a possibilidade de haver um

## *Projeto Revisoras*

marido a sua espera.

Emily se empertigou ao ouvir aquilo, e então escondeu a face no peito dele. Sentindo a umidade das lágrimas, Dylan tomou seu queixo e a fez encará-lo.

— Pensei que o que disse atenuaria sua preocupação — disse ele, confuso pela reação dela, e então percebeu que podia não ser aquele o motivo do choro. — Está preocupada por ter perdido sua virgindade para mim?

— Não. Não é você, Dylan. Sou eu. O que fiz está errado.

— Está feito, Emily. Somos ambos adultos. Eu a queria, e você me queria. O que há de errado nisso?

Ela se distanciou dele, alcançou suas roupas no chão, ao lado da cama, e vestiu-se.

Dylan se sentou, passou os dedos entre os cabelos, aborrecido pelo fato de ela ter esfriado, mesmo quando os lençóis amarfanhados ainda se mantinham quentes. Mas, com toda a paciência, esperou pela resposta dela.

— Bridgewater — Emily falou, de repente.

— Bridgewater?

— Esse é o meu sobrenome. Chamo-me Emily Bridgewater.

Algo na entonação dela despertou sinais de alerta na mente de Dylan. Levantando-se, ele vestiu a calça.

— Você se lembrou de seu nome completo?

Ela se virou para ele, mas desviou o olhar.

— Sou professora numa escola em West Country.

— Em Marjorco?

O príncipe ouvira falar naquela cidade da ilha vizinha, embora nunca tivesse estado lá.

— Sim. Vivo lá com minha avó, Olívia Bridgewater.

— Acabou de recordar isso tudo?

— Eu sempre soube quem eu-era, Dylan. Desde o primeiro dia.

— O que é que está me dizendo?!

— Eu menti para você — confessou, tremendo, e respirou fundo. — E afirmo que menti sobre todas as coisas.

## **CAPÍTULO IX**

— Você esteve mentindo para mim? — Dylan mantinha os olhos azuis fixos em Emily.

Aquelas palavras, ditas com tanta calma e controle, causaram um calafrio na espinha de Emily. Com a respiração opressa, preparou-se para o que quer que viesse em seguida. Ouvira seu coração e tomara uma decisão que agora não tinha mais volta.

— Sim.

Uma vez, num espetáculo circense, Emily vira um tigre encurralar um veado. Com os músculos retesados e o olhar focalizando a vítima, o tigre aproximara-se do veado do mesmo modo como Dylan agora se aproximava dela.

Tão forte como fora a tentação, ela se determinou a encará-lo e assumir as consequências.

Todavia, quando ele chegou mais perto e Emily sentiu seu calor, o cheiro da pele e viu a raiva cintilando em suas pupilas, as pernas começaram a tremer descontroladas.

Se Dylan não a tivesse amparado, teria caído no chão aos pés dele naquele exato momento.

— O acidente... — balbuciou Dylan, com ferocidade. — Meu carro batendo em você...

— Não foi um acidente.

— Por quê?

— Não tive escolha. Eu lhe juro que...

— Uma pessoa sempre tem escolha, Emily. — As mãos dele apertaram-se nos braços dela e a sacudiram. — Sempre!

Emily se encolheu de medo.

— Eles sequestraram minha avó.

— Eles quem? Diga-me!

Emily lutava para respirar.

— Não sei quem são, exceto quanto ao homem que me trouxe até o alto da estrada da montanha. Nunca vi o rosto de nenhum deles. Fui contatada por telefone, por um sujeito chamado Frederick. Ele me disse que mataria minha avó se eu não seguisse à risca suas ordens.

— E o que exatamente esse Frederick lhe ordenou que fizesse?

— Ficar íntima de você.

— Bem, srta. Bridgewater. — Dylan a puxou para mais perto. — Meus parabéns. Sem sombra de dúvida, realizou essa parte da missão com excelência.

Soltou-a de repente.

— Achou que fazer sexo comigo diminuiria sua punição, se fosse pega? Essa é a razão pela qual veio para minha cama?

— Não. — Emily meneou a cabeça. — Nunca pretendi que isso acontecesse. Pensei que podia fazer o que queriam sem que entrássemos em intimidades.

— Por que você, Emily? Por que eles a escolheram?

## *Projeto Revisoras*

— Não faço ideia, mas disseram que me pareço com alguém por quem você esteve apaixonado certa vez, uma mulher chamada Katherine.

— Katherine era a filha de um dos assistentes de meu pai. Eu tinha dezoito anos, e ela, vinte e um. Amor não tinha nada a ver com nosso relacionamento. De onde esses salafrários obtiveram essa informação? — Dylan se afastou três passos, e então voltou outra vez. — O que você deveria fazer, uma vez que conseguisse adentrar o palácio?

— Entrar em seu quarto. Eles me deram o código de segurança do alarme de sua suíte e a combinação de seu cofre.

— Meu cofre? — A fúria na expressão avivou-se. — Como conseguiram a combinação dele?

— Já falei que não sei.

— Não minta para mim! — gritando, deu mais um passo, ergueu o rosto dela, sem nenhuma gentileza, pelo queixo. — Ouvirei a verdade agora, Emily. A verdade inteira!

Ela engoliu em seco, piscando para dispersar as lágrimas que queimavam seus olhos.

— Estou lhe contando tudo o que fiquei sabendo. Só posso afirmar que há papéis dentro de seu cofre que eles querem. Documentos, acho. Eu deveria roubá-los e entregar a eles.

— Que documentos? Quais eram os que eles queriam?

O rosto que estivera sorrindo para ela com amor poucos instantes atrás agora a fitava com ira. Emily soube que Dylan jamais a olharia daquela maneira dócil de novo e que de agora em diante os únicos sentimentos seriam ódio, desgosto e desprezo.

— Diamantes. — Uma lágrima correu, teimosa, pela face dela. — Eles falaram que sua família estava com os diamantes deles e que os documentos têm a informação que precisam para obtê-los de volta.

— Bastardos! — Dylan a libertou. Apanhou sua camisa de sobre o leito e a vestiu. — Você garantiu que nunca viu o rosto de ninguém, a não ser de um deles naquele dia, na estrada da montanha. O homem tem um nome?

— Sutton. — Emily esfregou os braços, um frio incontro-lável a dominá-la. — Tenho certeza de que esse não é o verdadeiro nome dele, mas posso descrevê-lo para você. Além disso, eu o vi no palácio ontem, quando nós dois estávamos na sacada acima do salão de baile. Foi logo depois de você...

Ela quase disse "...ter me beijado", mas se deteve a tempo. Não podia pensar em nada daquilo naquele momento, não podia permitir lembrar-se da paixão que haviam compartilhado.

Circunspecto, Dylan interrompeu o interrogatório e a fitou.

— Um dos Cavalheiros Negros esteve em meu palácio?

— Cavalheiros Negros?

Emily já ouvira falar sobre o grupo subversivo que fora responsável por inúmeros ataques a Penwyck, mas não tivera ideia de que era o mesmo que sequestrara Olívia.

— Os Cavalheiros Negros estão com minha avó em seu poder?! — Ela empalideceu, o sangue congelado nas veias.

Todo o mundo sabia que os Cavalheiros Negros eram impiedosos e



## *Projeto Revisoras*

que enfrentavam tudo e todos para atingir seus objetivos.

— Sutton estava com o grupo de visitantes que chegou ao salão de baile, Dylan, por isso fiquei tão assustada. Os bandidos que pegaram vovó me falaram que estariam me vigiando, que saberiam de cada movimento meu se eu tentasse obter ajuda ou fosse à polícia. Assim, quando vi Sutton, temi que estivesse ali para falar comigo.

— Como você deveria contatá-los?

— Tenho um número para ligar. Eu deveria achar um telefone público e ligar para eles a cobrar, amanhã.

— Então é o que você fará. — Frio como aço, Dylan alcançou o telefone no criado-mudo ao lado da cama. Discou, mantendo a atenção nela enquanto esperava. — Alô, sou eu. Mande três homens à casa do'penhasco. Diga a Monteque que temos de nos encontrar agora mesmo. Estarei no escritório dele em vinte minutos.

Desligou e caminhou até Emily, a raiva faiscando nas íris azuis. O Dylan que ela conhecera se fora. Em seu lugar estava uma criatura feroz e amarga.

— Você tem alguma prova, Emily? Alguma coisa que possamos usar para descobrir onde esses homens estão escondidos?

— Eu gravei, por acaso, nossa primeira conversa telefônica em minha secretária eletrônica. Escondi a fita num cofre no Banco de West Country. A chave está...

— Não precisamos de chave. Guardas estão vindo para vigiar a casa, e você ficará aqui até que eu decida o que fazer.

Ele calçou os sapatos e dirigiu-se à saída.

— Dylan! Por favor, acredite-me. Sinto muito. Nunca foi minha intenção fazer o que quer que fosse que...

— Evite explicações — cortou-a, com aspereza, parando à soleira e virando-se. — E tenho certeza de que entenderá se eu não acreditar em nada do que você disser, na atual contingência. E quanto a suas intenções, Emily, guarde-as para si. Elas não me interessam nem um pouco.

Apesar do choro que corria em abundância por suas faces, Emily manteve a cabeça erguida. Dylan a encarou mais uma vez.

— E não tente fugir, Emily. Eu a acharei se fizer isso.

— Não fugirei. É com minha avó que estou preocupada. Não dou a mínima para o que acontecerá a mim.

— Então somos dois a pensar assim.

Aquela afirmação a cortou como navalha afiada. Mas não podia culpá-lo. Como poderia de alguma forma fazê-lo? Ela merecia todo o desprezo do príncipe.

Ouvindo o barulho da porta de entrada, Emily soube que Dylan partira. Foi até as janelas do quarto e, mais uma vez, observou a paisagem.

As gaivotas eram as mesmas, e o mar continuava estourando suas ondas contra as rochas ao pé do penhasco. Só que dessa vez não era como antes. Tudo ficou tão diferente... Tudo havia mudado.

Cometera um horrível erro revelando os fatos a Dylan? Teria, com sua honestidade, selado não só seu próprio destino, mas também o de sua avó?

## *Projeto Revisoras*

Exausta demais para raciocinar, cobriu o rosto com as mãos e chorou alto. E rezou para que, se Dylan não pudesse perdoá-la, que ao menos a ajudasse.

Levou menos de uma hora para Dylan reunir os chefes do Time da Elite Real de Penwyck. O almirante Monteque, o duque Carson Logan, Pierceson Prescott e sir Selywyn Estabon, todos ricos e poderosos.

Eram homens confiáveis, Dylan sabia. Gente na qual seu pai tinha completa confiança. Eram inteligentes e corajosos, e já haviam<sup>^</sup>provado seu valor diversas vezes. Possuíam seu

próprio código, as próprias leis, mas as metas eram as mesmas: proteger o país e o rei a qualquer custo.

Os cavalheiros ouviram intensa e silenciosamente Dylan apresentar os poucos fatos que ouvira de Emily. Olívia Bridgewater fora sequestrada, e sua vida, ameaçada, se Emily não fizesse o que os sujeitos queriam: ficar íntima do filho do rei e roubar informações referente aos diamantes, as quais estavam no cofre.

— Ela sabe como os Cavalheiros Negros descobriram o código do alarme e a combinação do cofre? — Monteque indagou.

— Não. Mas sem dúvida descobriram o código do alarme de minha suíte por intermédio de uma fonte interna, ou conseguiram de algum modo entrar no controle do computador central do palácio e obter o código. Quanto a meu cofre, não tenho pista alguma. Ninguém, exceto eu mesmo, sabe a combinação.

— Mandarei um de meus seguranças fazer uma varredura, sem demora. — Carson Logan se recostou no espaldar. — Uma câmera bem colocada pode ser a resposta.

Dylan se irritou ainda mais ao imaginar alguém violando seus aposentos. Mas nada se comparava à ira que experimentava pelo engodo de Emily.

"Eu menti para você sobre todas as coisas." Aquela realidade ainda ecoava em sua mente. Como pudera ser tão tolo?, perguntara a si mesmo centenas de vezes desde que deixara a cabana.

Ela fora tão convincente, tão esperta, tão ardilosa... A bonita e inocente Emily. A doce e vulnerável Emily. A mentirosa e astuciosa Emily!

— Dylan?

Ele piscou, aborrecido por ter se permitido desviar-se de sua meta, do que precisava ser feito. Olhando para Carson, percebeu que o duque estivera falando com ele.

— O quê?

— Mandarei vir meus dois melhores homens para interrogar a mulher. Gostaria de estar presente?

— Não.

Ele não ousaria. Estava ferido demais para ficar perto de Emily. E não sabia se seria capaz de controlar as emoções se estivesse no mesmo lugar que ela.

— Tenho outras coisas a verificar. Mas mantenha-me informado.

— Sim, Alteza.

## *Projeto Revisoras*

— Gostaria que eu fosse atrás da fita no cofre bancário dela?

Dylan assentiu.

— Quando você a tiver em mãos, Estabon, entregue-a direto a mim.

E cheque as fitas das câmeras de segurança de todas as visitas ao palácio de ontem também. A srta. Bridgewater diz que o homem que a levou até a estrada da montanha estava em um dos grupos de visitantes e que pode identificá-lo. Faça-a assistir às fitas e veja o que pode descobrir.

Dylan ficou de pé, indicando o término da reunião. Os demais cavalheiros se levantaram também.

— O que quer que façamos com a avó? — indagou Pierceson Prescott.

Dylan olhou para ele. O homem era impressionante pela estatura e, como o restante do Time da Elite Real, treinado em combates e artes marciais.

Dylan mirou os companheiros. Cada um deles tinha sua própria especialidade. A sala estava repleta de tensão, cada um ansioso para começar.

— Quero que descubra onde aqueles covardes estão mantendo a sra. Bridgewater, e então nós a traremos de volta. Viva.

— Nós?! — Prescott arqueou uma sobrancelha. — É óbvio que você não está querendo dizer que pretende ir junto e...

— É isso mesmo o que pretendo. — Dylan estudou os semblantes atônitos dos outros homens. — Se alguém tem um problema com isso, que diga agora.

Os cavalheiros trocaram olhares e sorriram. E então Prescott deu um passo à frente e fez uma reverência.

— Evidente que não, Alteza. Será uma honra para nós.

Dylan consultou o relógio na parede.

— Espero ser notificado de todo pormenor, independente de ser mínimo. Voltaremos a nos encontrar aqui às sete da noite.

Sozinho na sala, Dylan foi até o bebedouro e se serviu de um copo descartável de água gelada.

Ao voltar da cabana, estivera tão furioso, com o orgulho tão ferido, que não fora capaz de pensar com clareza. Só de imaginar que Emily estava ligada aos Cavalheiros Negros...

Com os nervos à flor da pele, amassou o copo descartável e o atirou no lixo.

Sua memória evocou centenas de vezes aquele primeiro dia quando a limusine a atingira. Ele cerrou as pálpebras, revendo o acidente em câmera lenta, forçando-se a lembrar-se dos detalhes.

Ele e Liam estiveram discutindo uma rodada de pôquer, brincando e rindo. Mas então, do nada, apareceu a ciclista na estrada. "Cuidado!", gritara Dylan. Mas era tarde demais.

O príncipe concentrou-se naquele momento, um segundo antes de a limusine atingir Emily, e registrou a visão.

Ela usava uma blusa branca de mangas curtas e uma jaqueta jeans. A cabeça girara à visão do carro vindo em sua direção, derrapando sem controle. Os olhos dela se arregalaram de terror, os cabelos escuros esvoaçaram em redor do rosto muito pálido.

Dylan enrijeceu o corpo todo então, rememorando um detalhe em que

## *Projeto Revisoras*

não reparara na ocasião: na face dela, logo abaixo daqueles olhos assustados, havia uma marca verme-lho-escura. Como se alguém a tivesse esmurrado alguns segundos antes.

"Sutton."

Dylan apertou os punhos. Emily dissera que o miserável a levava até o alto do penhasco que descia para a estrada. Parecia que ele batera em Emily antes de mandá-la pedalar até a frente do veículo. Ou para fazê-la cumprir suas ordens ou para fazer o acidente parecer pior.

Dylan estava ansioso para ver-se perante o bandido, para ver como o sujeito se portaria quando não estivesse batendo em mulheres ou sequestrando senhoras idosas.

— Dylan?

Ele olhou por sobre o ombro ao ouvir a voz familiar. O conjunto de lã ocre que ela usava combinava com os sapatos de salto baixo da mesma cor. Os cabelos escuros num corte moderno realçavam não apenas seu longo e gracioso pescoço, mas também os brincos de brilhantes que seu marido lhe dera nas bodas de prata, confeccionado pelo ourives do palácio.

Desde quando Dylan retornara a Penwyck, percebera que a mãe usava pelo menos uma peça de sua coleção de jóias a cada dia. Nem Marissa, nem Morgan tinham por costume mostrar grande sentimentalismo, contudo Dylan notou que sua mãe usara as peças naquelas últimas semanas para agradar o marido, mostrar-lhe o quanto se importava com ele.

Havia pessoas que especulavam sobre a sinceridade do casamento do rei e da rainha, se aquela era mesmo uma união feliz, mas Dylan sabia em seu coração que seus pais se amavam muito.

Ele viu a preocupação nos olhos azuis de Marissa quando a fitou.

— Sente-se, Dylan, e conte-me o que houve.

O príncipe puxou uma cadeira para a mãe e sentou-se diante dela. Começou explicando como o acidente e a amnésia de Emily foram uma farsa e que, por coerção, ela fora parte de um complô para acessar o palácio a fim de roubar informações de seu cofre particular.

— Eu a tenho sob guarda em minha cabana. Emily será interrogada para determinar se diz ou não a verdade.

— É óbvio que está sendo sincera. A pobrezinha não tem por que mentir agora, sobretudo com a vida da avó em jogo. Tem alguma pista de onde os Cavalheiros Negros possam ter aprisionado a velhinha?

Dylan sacudiu a cabeça.

— Esperamos ser capazes de localizar a chamada telefônica original que Emily recebeu em casa, ou ao menos achar uma dica na fita que sua secretária eletrônica gravou. Ela também deve contatá-los por telefone, de forma que isso nos ajudará, de algum modo.

Marissa demonstrou aprovação.

— Você lidou com isso muitíssimo bem, filho. Em especial considerando as circunstâncias e seu próprio envolvimento.

— Não tenho envolvimento nenhum, mamãe — disse, com firmeza.

— Ah... — O sorriso malicioso que ela lhe deu o perturbou. — E você passou cada possível minuto com ela e a levou para sua cabana por que razão?

## *Projeto Revisoras*

— Nada disso é relevante para essa investigação.

— Será? Você nega que se importa muito com ela?

Talvez Dylan tivesse se importado com Emily, mas isso foi antes de saber que o enganara. Mas o que quer que tivesse sentido, agora fazia parte do passado. Além do que, não tinha intenção de discutir essa parte de sua vida com a mãe.

— Emily mentiu para mim. Mentiu para todos nós.

— Mas não fez isso para ferir alguém, meu amor. Ela foi obrigada, para proteger alguém a quem ama.

— Não vejo diferença.

— Jura que não? Então estes últimos dois anos que esteve fora apenas passeou pela Europa, aproveitando a vida com amigos, não foi?

— Eu...

"Ela sabe", Dylan concluiu. De algum modo a rainha descobrira por onde ele andou e o que fez. Mas como?

— O que quer dizer com isso, mãe?

Marissa suspirou.

— Esqueça. Você tem outras coisas para pensar agora. Porém, quando chegar a ocasião certa, teremos muito o que conversar. — Levantou-se e beijou-lhe a testa. — Eu li uma vez, em algum lugar, que uma mulher ama com todo seu coração, e um homem, com toda sua força. Você, meu filho, tem muita força. Use-a com sabedoria.

Espantado com as palavras dela, Dylan observou Marissa partir. Então, fitou a porta por longo momento. Que tolice estivera ela declamando sobre o amor?

Amor não tinha nada a ver com aquela situação! Ele podia ter deixado a luxúria anuviá-lo seu raciocínio, e decerto era culpado pela tolice, mas amor?

Exalou um suspiro. Mulheres eram sonhadoras, cheias de fantasias e ilusões. Homens tinham os pés no chão. De jeito nenhum permitiam que a emoção governasse suas decisões.

Precisaria ver Emily de novo, sabia disso. Havia ainda questões não respondidas, partes do sequestro e esquema de chantagem que tinham de ser esclarecidos.

Todavia, não iria permitir intimidade outra vez, afirmou para si mesmo. Cometera um erro de julgamento com ela, e mudaria o próprio nome se o repetisse.

## **CAPÍTULO X**

Emily se sentia envergonhada por estar sendo tão bem tratada.

Todos os dias, às oito horas, o desjejum era entregue na cabana, vindo do palácio. Roupas tinham sido enviadas em caminhonetes, junto com artigos de banho, cabelo e maquiagem. A televisão, o videocassete e DVD funcionavam muito bem, e Dylan tinha uma vasta coleção de filmes, assim como uma biblioteca com os mais diversos gêneros de livros.

Não havia grades nas janelas ou portas trancadas, e ninguém a impedia de caminhar ao longo dos penhascos todas as tardes.

Não obstante, não tinha dúvida de que era uma prisioneira ali.

Três homens revezavam-se patrulhando os terrenos ao redor da casa, vinte e quatro horas por dia, os revólveres bem escondidos sob as jaquetas esportivas. Durante o dia, vagavam ao acaso pelos arredores e conversavam entre si. Para quem por ali passasse, pareceria que estavam todos de férias, aproveitando um pouco de ar fresco junto ao mar.

Mas nada podia ser menos verdadeiro.

Emily olhou pela pequena janela ao lado da porta da frente.

A trinta metros dali, à beira da entrada da floresta, um grande trailer branco fora engatado a uma caminhonete, que ela supunha ser uma espécie de quartel-general. Os guardas a observavam comer e dormir e, quando outros deles vinham do palácio, agrupavam-se dentro do trailer e faziam reuniões.

Dois seguranças a interrogaram por horas nos primeiros três dias. Filmaram e gravaram todas as sessões de interrogatório. Emily solicitou um teste de detector de mentiras, mas não foi atendida. Os homens apenas registraram seu pedido, mas não houve mais nenhum comentário sobre o assunto.

Depois daqueles três dias, ninguém mais apareceu e, não fosse pelos rapazes lá fora e pelas entregas das refeições, poderia dizer que a haviam esquecido.

Em especial Dylan. O príncipe lhe dissera, antes de abandoná-la, que não mais se importaria com sua pessoa. E essa era sua dura realidade.

Contudo, apesar da dor no coração e dos problemas que causara ao palácio, não se arrependia de nada. Para salvar sua avó, faria tudo de novo.

Ligara para seu contato fazia dias, mas quem atendera ao telefone não a deixara falar com Olívia. Apesar de o bandido ter insistido que ela estava dormindo e que se encontrava bem-disposta, Emily ficou preocupadíssima. Rezava para que os Cavalheiros Negros não tivessem ferido sua avó e para que os homens de Dylan a encontrassem a tempo.

Uma forte ventania fustigou a cabana e fez a chaminé bramar. Lá fora, os galhos das árvores envergavam contra o vento, e folhas voavam velozes, rodopiando perante as janelas.

A ventania açoitava os guardas, que caminhavam encolhidos, com as mãos afundadas nos bolsos.

Mais cedo, fizera calor, mas nuvens escuras se moviam, lestras. Era previsível que a noite seria fria e úmida.

Com um suspiro, afastou-se da vidraça.

## *Projeto Revisoras*

Por mais confortável que a casa fosse, preferia estar na cela de uma prisão. Ali, para todo lugar que se voltasse, via Dylan, sentia sua presença. E se os dias eram péssimos, as noites eram quase insuportáveis.

Era impossível deitar-se na mesma cama onde eles tinham feito amor e não rememorar tudo. Impossível não recordar a paixão que compartilharam. A ávida e quente pressão da boca de Dylan na sua, aquelas mãos hábeis e mágicas percorrendo-lhe a pele, excitando-a, consumindo-a a cada nova carícia.

Pensar que jamais teria tal êxtase de novo causava-lhe uma terrível tristeza. Mas não lamentava ter se entregado a ele. Havia muitas coisas que lamentava, mas jamais aquilo.

Apaixonara-se por Dylan. A culpa e o medo a tinham feito até mesmo negar seus sentimentos. Todavia, se fosse honesta, assumiria que o amara desde o primeiro instante em que o príncipe a erguera nos braços e a deitara com tanta gentileza no assento do carro, após o acidente.

Sim, amava-o, mesmo sabendo que Dylan jamais poderia corresponder àquele amor. Não depois do que ela fizera. Teria de aprender a aceitar que seu amado, a quem sempre amaria, a desprezava.

Sentiu um misto de sofrimento e mal-estar físico.

Precisava ocupar-se com urgência, para manter a mente e as mãos ocupadas.

Dando um profundo suspiro, dirigiu-se à cozinha.

— Que chuva detestável! — Dylan reclamou.

Gotas pesadas tamborilavam no pára-brisa e no teto do automóvel. Uma noite ruim para se estar numa estrada estreita e sinuosa na montanha, decidiu ele, apertando o volante, muito atento ao trajeto a sua frente. Uma noite péssima para estar fora de casa.

Mas então por que estava ali?

Convencera-se, antes de entrar no carro e sair do palácio, que era de sua responsabilidade supervisionar todos os aspectos daquela... situação.

Estivera trabalhando com o Time da Elite Real a semana toda e, cada pista, por mínima que fosse, fora investigada, revirada e examinada de dez maneiras diferentes.

O depoimento de Emily e mais a fita da secretária ele-trônica, que foi recuperada do cofre bancário, confirmara o que ela dissera no início daquela semana.

Apesar de ter admitido que mentira sobre não saber quem era, tudo indicava que fora sincera. Os dois seguranças que a interrogaram chegaram àquela conclusão. Eles foram imparciais e exigentes no interrogatório, a fim de obter todos os pormenores, não apenas do encontro de Emily com os Cavalheiros Negros e os tais Sutton e Frederick, mas também da vida dela em geral.

A primeira vez que assistiu às fitas das sessões de interrogatório, Dylan sentiu sua raiva reviver dentro do peito. Mas as vira diversas vezes e, por estranho que parecesse, a cada vez a raiva que nutria por Emily parecia diminuir. Pouco a pouco, seu sofrimento arrefeceu. O amor que Emily sentia pela avó se tornava palpável cada vez que pronunciava seu nome. Percebera



## *Projeto Revisoras*

isso na entonação dela, nos olhos e na maneira terna de tocar o anel que Olívia lhe dera.

Embora não pudesse perdoar a traição de Emily, quase podia compreender por que ela fizera aquilo tudo.

Muitos meses atrás, Owen fora sequestrado e, apesar de Dylan estar na Europa na ocasião, sabia que teria feito tudo para ver o irmão vivo e inteiro.

Mesmo perante a ridícula acusação de seu tio Vincent de que Owen e ele não eram os gémeos verdadeiros, pois teriam sido trocados no dia do nascimento pelos herdeiros do trono, que agora viviam nos Estados Unidos, nada disso importara para Dylan.

Independente do que os testes de DNA pedidos por Marissa revelariam, tendo eles o mesmo sangue ou não, Dylan sabia que, sem hesitar, sacrificaria a própria existência pela de Owen, ou por qualquer outro membro da família.

O vento fustigava o veículo, e Dylan voltou a atenção para a estrada.

O carro corria sobre o cascalho alagado até a cabana, com Dylan a praguejar sem parar. Apesar da chuva e da neblina, viu as luzes, como um farol de boas-vindas, brilhando dentro da pequena casa. O pulso acelerou perante a visão das luzes, mas determinou-se a permanecer indiferente.

Ele a interrogaria, claro, mas depois iria embora. Quanto mais rápido, melhor.

O sentinela, tenente Stevens, perfilou-se quando viu Dylan descer do automóvel. O homem estava sob o beiral go-tejante do telhado, segurando um prato de comida.

— Alteza...

— Fique à vontade, Stevens.

Dylan sentiu o cheiro delicioso que emanava do prato, diferente do tipo usual de refeição preparada pelos homens.

— Por que não está comendo no trailer, se é sua hora de jantar?

— Bem, eu... não é bem minha hora. Quero dizer...

— Eu apreciaria uma resposta sem gaguejos, Stevens.

— A srta. Bridgewater ofereceu-me esta refeição, Alteza, e eu aceitei.

— Entendi. Ela sempre faz isso?

— Não, Alteza. Só esta noite.

— A srta. Bridgewater lhe ofereceu alguma coisa mais?

— Um copo de leite e biscoitos, esta tarde.

Leite e biscoitos. O humor de Dylan piorou. O que ela ofereceria em seguida? Convite para entrar à noite?

— Sinto muito, Alteza, se descumpri o regulamento.

— Esqueça, Stevens. — Dylan o fitou, aborrecido. — Leve seu prato para o trailer. Eu o chamarei para reassumir seu turno, quando partir.

— Sim, Alteza.

Dylan contraiu a mandíbula, observando o homem correr em direção ao trailer. Virando-se para a porta, bateu. Esperou alguns minutos e tornou a bater, dessa vez mais forte.

Emily não devia ter ido para a cama. Ainda não eram nem oito horas.

Uma forte intuição cresceu em seu peito. A razão de tê-la mantido ali

## *Projeto Revisoras*

e escalado guardas era para o caso de os Cavalheiros Negros descobrirem que o plano de usar Emily falhara e tentassem levá-la embora antes que ela pudesse testemunhar contra eles.

Sem resposta a suas batidas, Dylan entrou na cabana, os sentidos todos em estado de alerta. Mas tudo parecia normal lá dentro. Uma lareira acesa convidativa aquecia o ambiente, e um cheiro delicioso vinha da cozinha.

Uma música instrumental irlandesa tocava, e ele a reconheceu de imediato. Fora Megan quem lhe dera aquele CD.

Fechando a porta, tirou o casaco e o pendurou no cabideiro de parede. Era como nas páginas de um romance... o marido voltando para o lar após um dia de trabalho, com fome e sede.

Sede da mulher amada...

Dissipou o pensamento e dirigiu-se à cozinha. No meio do caminho, estremeceu ao ouvir o som do chuveiro, e o coração disparou.

Emily estava tomando banho.

A garganta ficou seca. Ela se encontrava nua, a não mais que vinte metros dali. Podia imaginá-la lá, sob a água quente, deslizando o sabonete pelos seios e pela barriga reta.

Chacoalhou a cabeça, querendo apagar a imagem.

"Que coisa! Essa mulher me enfeitiçou!"

Cerrou os dentes. Era tudo o que podia fazer para não irromper no banheiro e tomá-la ali mesmo, sob o jato quente, empurrar aquele lindo corpo molhado contra os azulejos frios e penetrá-la de uma vez, tomando posse daquilo que era seu. Talvez sem nem mesmo tirar as próprias roupas.

Sua testa porejava de suor. Com algo entre um rosar e um gemido, continuou caminhando até a cozinha, determinado a satisfazer pelo menos um de seus apetites.

Emily desligou o chuveiro, secou-se com uma toalha grossa, passou hidratante corporal, um pente nos cabelos e balançou com vigor as madeixas molhadas.

Vestindo uma camisola curta de algodão cor-de-rosa, que Sally lhe enviara, e um robe também curto, que formava o conjunto, suspirou.

A ducha aliviara a tensão de seus ombros pelo menos, apesar de não ter feito nada pela dor latejante no peito.

Muitas noites sem dormir, preocupada com a avó, foi algo angustiante demais.

..

E então havia Dylan.

Não importava quantas vezes tivesse ordenado a si mesma que o esquecesse, e afirmado que encararia qualquer punição que lhe dessem. Não conseguira esquecê-lo. Não ainda.

Pelo menos mantivera-se ocupada aquela tarde. Aprendera a cozinhar com sua avó, e adorava isso. Depois de vasculhar as mercadorias que recebera durante a semana, preparou uma salada de endívia com nozes e gorgonzola, torta de massa folheada, carne de vitela ao vinho com batatas grelhadas e fez dúzias de biscoitos de nozes.

Quando ofereceu um prato de comida ao guarda de plantão lá fora, ele recusou, no início. Mas Emily foi insistente e o convenceu, dizendo que

## *Projeto Revisoras*

jogaria fora se ele não comesse. Minutos depois, preparou mais dois pratos e pediu que o homem os levasse para o trailer.

Olívia lhe falou uma vez que uma mulher que sabia fazer aquele assado e aqueles biscoitos poderia escolher o marido.

Baseada nos elogios que recebera dos guardas, talvez sua avó tivesse razão.

Todavia, havia apenas um homem que queria... o único que jamais poderia ter. E as chances de ele vir a comer sua comida eram para lá de remotas.

Pegando um pente, foi para a sala a fim de desembaraçar os fios na frente da lareira. Olhou as chamas por um longo tempo, e então começou a pentear-se.

A visão atingiu Dylan como um soco potente. O sangue latejou nas têmporas quando a viu de costas. Poderia ter achado que Emily aparecera de propósito para excitá-lo, mas estava perdida em devaneios quando entrara na sala, a cabeça sem dúvida a milhas de distância. Ele tinha certeza de que ela não notara sua presença ali, sentado no sofá.

Através do fino robe, a luz do fogo delineava suas lindas formas. Os quadris moviam-se para a frente e para trás com cada passada do pente.

Dylan ficou excitado.

— Emily...

Ela se virou, boquiaberta, uma expressão horrorizada estampada no rosto, e, sem demora, amarrou o cinto do robe.

— Dylan! — Fez uma fraca tentativa de reverência. — Alteza. Eu... não sabia que você estava aqui.

— Entendo. — Ele deveria ter se levantado, mas sabia que não estava em condições ainda.

— O que está fazendo aqui?

— Sente-se, Emily.

Dylan precisava que ela se sentasse. Se continuasse de pé, diante do fogo, com os cabelos e corpo iluminados pelas chamas, não estava certo se poderia responder por si mesmo.

Pensara nela com muita frequência naquela semana, lembrando-se do tato de sua pele macia, do som de seus suspiros, do cheiro de flores que a rodeava. Emily povoara seus dias e invadira seus sonhos durante a noite.

Era urgente que aquela mulher saísse de sua cabeça. Achara que ir ali, aquela noite, exorcizaria a imagem dela de sua memória, bem como a infundável necessidade de tê-la nos braços outra vez. Contudo, estivera errado, dava-se conta agora.

Emily se acomodou na beira da cadeira em frente a ele, empertigada, ainda segurando o pente. O olhar de Dylan vagou sobre as longas pernas desnudas e, uma vez mais, esforçou-se em não pensar no quão desesperadamente queria escorregar as mãos sobre os joelhos dela, separar suas coxas macias, mover-se entre elas e queimar-se no calor de sua feminilidade.

Puro desejo.

Comprimiu os lábios com força. Emily podia ter usado todo seu chame

## *Projeto Revisoras*

como uma cilada, antes, mas isso não tornaria a acontecer. Se resolvesse se oferecer a ele, talvez cedesse, imaginou Dylan, mas seria só para aliviar sua tensão sexual.

Emily fitava o pente em suas mãos.

— Posso saber algo a respeito de onde minha avó está sendo mantida?

Grato por ter a atenção de volta aos negócios de Estado, em detrimento a sua tempestuosa libido, Dylan balançou a cabeça.

— Isolamos uma área, mas até que tenhamos o local exato, não podemos fazer nada. Se cometermos um erro, pode ser fatal. Os Cavalheiros Negros descobrirão nosso plano e desaparecerão como num passe de mágica.

Ele viu Emily fechar os olhos, angustiada. Ambos sabiam o que aconteceria a Olívia se os Cavalheiros Negros descobrissem a estratégia.

Dylan podia oferecer palavras de conforto, assegurar a Emily que Olívia estaria bem, mas não o fez. Não apenas porque não sabia se encontrariam a avó a tempo, mas porque não desejava consolar. O gosto da traição ainda amargava sua boca.

— Por que veio aqui, Dylan?

"Porque não pude ficar longe de você", foi o primeiro impulso, mas não podia dizer aquilo. O fato de que agora percebia ser verdadeiro aquele pensamento inconfessável apenas aumentou sua raiva.

— Tenho algumas perguntas a lhe fazer, referentes ao homem que estava com você no alto da montanha. Aquele que chamou de Sutton.

— Mas eu já disse a seus homens tudo o que sabia.

— Você falou que ele a levou até lá e esperou até que recebesse uma chamada telefônica no celular.

— Sim. Não pude ouvir o que dizia, nem sei com quem falou. Após desligar, Sutton me ordenou que montasse na bicicleta e descesse a ribanceira em direção a seu carro.

— Foi quando ele bateu em você?

Emily levou a mão à face.

— Sim.

"Cafajeste!"

— Por que não contou isso a meus homens?

— Eu... não sei. É relevante?

"Para mim, é!" Ah, como Dylan ansiava colocar as mãos naquele sujeito!

— Tudo é importante, Emily. Há alguma coisa mais que tenha se esquecido de contar?

— Acho que não.

— Pense! — Dylan sabia que gritara, mas estava muito machucado para se importar. — Do que mais esqueceu?

— Nada. — Ela sacudiu a cabeça — Não me esqueci de nada.

Os olhos verdes estavam marejados quando Emily levantou a cabeça para encará-lo.

— Eu me lembro de tudo, Dylan. O quanto você foi gentil quando me pegou da estrada. Lembro-me da força e do calor de seu corpo ao me carregar nos braços e me colocar em seu carro.

## *Projeto Revisoras*

— Pare com isso.

— E daquele primeiro excitante momento, quando você me beijou e me fez tremer. Nenhum homem jamais fez isso comigo.

Dylan ouviu o estrondo de um trovão, mas não estava certo se era de dentro de sua cabeça ou da tempestade lá fora.

Respirando fundo, ergueu-se e caminhou em direção a ela, agarrando-a pelos ombros.

— Está brincando com fogo, Emily. Pare com isso agora ou prometo que vai se arrepender.

— Você não sabe que já me arrependi muitíssimo por tudo o que fiz? Exceto por você, Dylan. Jamais me arrependerei por termos feito amor. — Ele sentiu os músculos enrijecerem. Seu interior estava se retorcendo, a virilha latejava.

— Sei que me odeia — ela sussurrou, angustiada. — Mas não pode odiar-me mais do que odeio a mim mesma por ter mentido para você e sua família.

"Eu não te odeio", Dylan quase afirmou. De uma hora para outra, pareceu-lhe que um tambor ocupou o lugar de seu cérebro. Batidas pesadas, rítmicas, crescentes, apagando todo raciocínio coerente, menos um: Emily.

Num rompante, puxou-a para si e tomou-lhe a boca num beijo selvagem que não pedia por submissão, mas exigia-a.

O pente nas mãos dela caiu no chão, e seus braços envolveram-no pelo pescoço.

Dylan a ergueu, segurou-a pelas nádegas e a pressionou firme contra sua total excitação. E sentiu, mais do que ouviu, o gemido profundo escapando da garganta dela. Aquele som o enlouqueceu de vez, arrebatando-o para longe de si mesmo.

Tomando-a no colo, carregou-a para o quarto, chutou a porta e levou-a direto para sua cama. Deixando-a cair sobre o colchão, manteve o olhar fixo nos olhos dela, enquanto arrancava a camisa de dentro da calça e então abria os botões.

— Eu te quero, mulher. Mas entenda que isso não significa nada para mim. Nada mudará.

Dylan constatou o sofrimento surgindo no rosto de Emily ante suas palavras, mas gritou para si mesmo que não se importaria. Ele a tomara e depois iria embora. E então a esqueceria para todo o sempre.

Emily o observou despir-se e cair sobre ela, cheio de ardor.

Dylan tinha uma constituição física poderosa, intimidadora, e a força evidenciava-se no contorno de seus músculos tensos.

E estava mais visível ainda em seu baixo-ventre, amedrontando-a e excitando-a ao mesmo tempo.

Talvez devesse ter tentado impedi-lo, mas aquela podia ser a última vez que o estava vendo na vida.

A última vez que teria para amá-lo.

Podia ser físico para Dylan, mas para ela era muito mais. Naquela noite daria a seu amado não apenas o corpo, mas também o coração.

Movimentando-se sobre ela e beijando-a com paixão, Dylan rasgou,

### *Projeto Revisoras*

num gesto violento, o cinto do robe e deslizou as mãos pelas curvas dela, levantando a camisola e acariciando a macia intumescência dos seios.

Quando ele baixou a cabeça e sugou forte um dos mamilos, Emily mordeu o lábio para não berrar. Um prazer intenso espalhou-se por suas veias, deixando-a zozua.

Gemendo, agarrou os cabelos dele.

— Eu te amo!

Dylan estacou. Ficou paralisado durante alguns segundos e depois a encarou. As pupilas cintilavam numa mistura de paixão e raiva.

— Não diga isso, Emily! Não aceitarei mais suas mentiras!

Emily tomou o rosto dele nas mãos, com todo o cuidado. Não seria bom repetir o que disse. Não tentaria convencê-lo, sabia que ele não acreditaria. Em vez disso, trouxe-o para si e o beijou, sentindo a resistência dele aos poucos se esvaír.

Num rápido movimento, o príncipe arrancou a calcinha de seda rosa que Emily usava e deitou-se sobre ela, penetrando-a de um só golpe.

Emily arqueou os quadris, oferecendo-se mais profundamente.

Com um gemido, Dylan agarrou-lhe as nádegas e pressionou-se com violência contra a umidade que ameaçava enlouquecê-lo.

Ela arranhou as costas dele, soluçando, a dor insuportável serpenteando mais aguda a cada investida dos quadris de Dylan.

Quando o clímax chegou, Emily gritou o nome dele e abriu-se por inteiro para Dylan. Em violentos espasmos, ele estremeceu numa explosão de ardor primitivo e, com um gemer profundo, derramou-se dentro dela.

Emily o segurou dentro de si, sabendo que em poucos minutos, quando o corpo esfriasse, ele não a queria mais.

Após alguns momentos de total imobilidade, Dylan se ergueu, vestiu a calça e saiu do quarto sem dizer uma só palavra.

Emily ouviu o som da porta da frente se fechar e sentiu uma imensa infelicidade.

## **CAPÍTULO XI**

Vestidos de preto, os homens se moveram através da noite sem lua, aos pares, dez grupos no total, e rodearam a espaçosa casa de campo de três andares que se harmonizava entre as árvores grossas e a viçosa folhagem. Com método e muito cuidado, aproximaram-se do extenso muro que circulava a moradia.

A neblina parecia um cobertor cinza sobre o terreno. O ar era fresco e úmido, devido à proximidade do mar. A antecipação de um combate deixava a atmosfera tensa.

Vindo de longe, o uivo solitário de um lobo, seguido por outro como resposta, fez com que cada um dos homens se acocorasse.

Eles esperavam.

Com as costas contra o grosso tronco de um cedro alto, Dylan aguardava com o grupo, ao qual se juntara nas últimas três semanas.

Aprendera a ser paciente naqueles dois anos em que treinara em Boróvkia.

As mais bem sucedidas tarefas das quais participara tinham sido vencidas não apenas com estratégia detalhada e cautela, mas com coragem, determinação e muita paciência. Ensinaaram-no a planejar, esperar, ouvir... Aquelas lições tinham salvado sua vida e as dos homens com os quais trabalhara mais vezes do que podia contar.

— O capitão pede ordens, Alteza — veio um sussurro do microrrádio na orelha de Dylan.

— As posições já estão prontas?

— Afirmativo.

— Cinco minutos. — Dylan apertou um botão no relógio de pulso, consciente de que os demais fariam o mesmo.

— Certo, Alteza. Cinco minutos.

Um longo tempo para um soldado esperar para se movimentar.

Uma eternidade.

A família de Dylan objetara sua liderança naquela missão, mas, quando o Serviço de Inteligência enfim descobriu a casa de campo isolada próxima ao oceano, em Marjorco, onde os Cavalheiros Negros estavam mantendo a avó de Emily, o príncipe se recusou a ser deixado para trás.

Depois de tudo o que os canalhas tinham feito para sua família através das chantagens com Emily, ele jurou naquela noite que os Cavalheiros Negros pagariam por sua deslealdade. Ao raiar da aurora, seus homens lhe asseguraram de que todos da organização traidora estariam atrás das grades ou mortos.

— Três minutos, Alteza.

Dylan sabia que poderia levar anos para descobrir aquele local secreto sem a cooperação de Emily. As chamadas telefônicas que ela fizera quase todos os dias para contatar os Cavalheiros Negros e relatar seu progresso no palácio foram valiosas. Em todas as chamadas, Emily insistira que lhe permitissem falar com sua avó ou então ela não continuaria a ajudá-los. Assim, conseguiu manter as chamadas pelo tempo necessário para rastrear o número e local de



origem.

Até aquela última.

Quando seu contato ameaçara desligar, Emily deixou escapar que conseguiu seduzir o príncipe, e que necessitaria apenas alguns dias mais para ganhar a confiança dele e acessar seu cofre. Ela então começou a descrever, em detalhes minuciosos, como seduzira o príncipe Dylan.

A explícita descrição de como removera suas roupas, como arrancara a blusa, o sutiã, como fora tocada, interessara e excitara por instantes o facínora no outro lado da linha.

Só Deus sabia, quando Dylan ouvira a gravação da chamada, como também ficara em ebulição e, em seguida, aborrecido pelo fato de que o grupo de Inteligência também teria de ouvir a voz quente de Emily relatando os pormenores picantes.

Aqueles minutos extras deram aos homens de Dylan o tempo crucial de que precisavam para rastrear a ligação. Portanto, ele sabia que tinha de pôr seu aborrecimento de lado e concentrar-se na tarefa em mãos para descobrir onde os Cavalheiros Negros se escondiam.

Dessa maneira, Dylan não podia evitar pensar em como era fácil para Emily mentir para Frederick ao telefone. Não podia evitar lembrar o quão facilmente mentira para ele próprio.

Não a vira desde a noite em que fizeram amor. Mas seria ele o mentiroso se dissesse que não sentia uma imensa vontade de vê-la. Mais do que uma dúzia de vezes, dirigira-se a seu carro, pretendendo ir até a cabana.

Contudo, não podia permitir-se aquelas emoções.

Não confiava em si mesmo para estar sozinho com Emily e não agarrá-la nos braços e levá-la para a cama. Então, em vez disso, permaneceu longe, concentrando-se em ajudar a achar o esconderijo dos Cavalheiros Negros e coordenar a missão daquela noite.

— Um minuto.

O coração de Dylan batia forte, o estômago queimando, os músculos retesados, a respiração acelerada. Tirando todos os outros pensamentos da mente, fez a contagem regressiva dos minutos com o resto dos homens e então saiu de sua posição detrás da árvore.

Os rapazes se moviam como se fossem um só, arrastando-se próximo ao muro. Dois dias de vigilância revelaram que os seguranças se revezavam às nove horas em ponto. Se o primeiro aceno de Dylan para quatro homens agirem no momento certo funcionasse, cada um deles poderia dominar dois ao mesmo tempo, enquanto o resto do grupo tinha dois minutos para invadir a casa antes que o alarme soasse, e então decerto mais dois minutos para encontrar Olívia.

Os postes de luz iluminavam os dois seguranças no local da mudança da guarda. Dylan observava-os fumar e conversar animados. Enquanto isso o capitão Lan Alson escalou com facilidade o muro de pedra e rendeu os dois sujeitos espantados.

Dylan e seu companheiro estavam no fim do muro em quinze segundos, deram uma corrida atravessando o gramado e pularam uma cerca de treliça, entrando na casa pela porta principal.

Naquele exato momento, se tudo corresse de acordo com o planejado,

## *Projeto Revisoras*

outros oito homens estariam entrando na casa também.

Empunhando o revólver, Dylan ouviu o som das risadas eletrônicas de um programa cômico de televisão, através de uma das portas.

"O quarto de Olívia."

Em silêncio, gesticulou para seu companheiro, para que espreitasse o corredor, caminhou até o aposento e bateu de leve. Sem esperar resposta, entrou e fechou a porta atrás de si.

De costas para ele, Olívia se encontrava sentada num grande sofá branco em uma saleta particular, assistindo a uma antiga comédia popular. Estava de pijama e chinelos, e colocara um lenço com detalhes florais que segurava seus cabelos grisalhos.

Dylan vasculhou o local, observou uma porta fechada que sabia que dava para o quarto de dormir e banheiro privativo. Quando sentiu-se seguro de que estavam sozinhos, guardou a arma no coldre preso ao cinto.

— Sra. Bridgewater?

Olívia teve um sobressalto ao som da voz de Dylan e vi-rou-se. Então, arregalou os olhos à visão do homem armado e uniformizado, tão perto dela. Assustada, colocou a mão frágil no pescoço.

— Oh, meu Deus! Você me assustou, meu jovem.

— Sinto muito por perturbá-la, mas poderia, por favor, vestir-se e vir comigo?

— Para quê?

— Sua neta pediu-me para levá-la para casa.

— Emily? — Franziu a testa. — Mas Frederick disse-mo que Emily viria amanhã.

— Houve uma mudança de planos, sra. Bridgewater.

Ouvindo gritos e o início de um tiroteio do lado de fora,

Dylan andou, lesto, até as portas abertas da sacada e as fechou. Em seguida, voltou-se para Olívia e forçou um sorriso.

— Você se importaria?

— Bem, creio que não. — Olívia ficou de pé e arrancou o lenço da cabeça. — Deus do céu, faz anos desde a última vez em que um homem bonito me apareceu assim, no meio da noite — brincou. — Não sei nem o que...

A porta foi escancarada e um homem entrou, empunhando uma pistola automática.

Sem demora, Dylan sacou o revólver e apontou para o homem que o Grupo de Inteligência identificara como Damek Cutter, um corrupto e cruel mercenário que fazia parte dos Cavalheiros Negros havia três anos. Aquele era o crápula que esmurrara Emily e dissera chamar-se Sutton, Dylan recordou-se, pedindo a Deus que Olívia permanecesse parada onde estava.

— Solte essa arma — ordenou Cutter. Dylan segurou o revólver com firmeza.

— Sem chance.

Cutter levantou a pistola e apontou para Olívia, cuja face empalidecera.

— Largue a arma ou derrubo a velha.

Olívia ofegou.

## *Projeto Revisoras*

"Cafajeste!" Dylan sabia que o bandido faria aquilo, por isso, bem devagar, colocou a arma no chão.

— Sábia decisão, Dylan — soou outra voz.

Outro alguém entrou no quarto, e Dylan olhou pra ele. Qualquer pessoa que não fosse da família pensaria que aquele era pai de Dylan. Era idêntico ao rei Morgan em quastodos os sentidos.

— Olá, tio Vincent. Ou deverei chamá-lo tio Frederick?

— Frederick é seu tio? — Muito confusa, Olívia fitou Dylan, depois Vincent. — Frederick, eu exijo que você me explique tudo isso agora mesmo.

— Minha querida Olívia, você é tão ingênua... É tudo por causa de dinheiro e poder. Eu nasci para ter os dois, mas minha família despojou-me de todos os meus direitos. E mereço tudo o que deveria ser meu, incluindo meu título.

— Você terá um novo título agora, tio, ao qual faz jus. — Dylan ouviu o som de mais tiroteio, e rezou para que seus homens chegassem a tempo. — Um título de prisioneiro.

— Jamais irei para a prisão. Sou um Penwyck. Um rei!

— Você é um seqüestrador e chantagista. Usou mulheres inocentes para seu proveito egoísta.

— Quando encontrei por acaso a foto da srta. Bridgewater no jornal, numa matéria na qual voluntários serviam refeições no Centro para a Terceira Idade, fiquei aturdido pela semelhança dela com aquela jovem pela qual você ficou tão apaixonado muitos anos atrás, a srta. Katherine Demasse. Precisávamos enviar alguém para o interior do palácio, mas eu sabia que nenhum de meus homens conseguiria adentrá-lo em segurança. Mas para uma mulher bonita... — Vincent sorriu perante a própria esperteza. — ...era fácil.

Dylan deu um passo em direção ao tio, mas parou quando Cutter apontou-lhe a arma outra vez.

— O que acha que ganhará por traição e tentativa de crime?

— Basta! — Vincent lançou um olhar gelado ao sobrinho. — Tudo o que queríamos eram os diamantes. Nós os escavamos. Nós somos os reais proprietários.

— Vocês os escavaram de forma ilegal de uma mina que pertence ao governo de Penwyck. — Dylan tinha de tirar Olívia do caminho, mas, se fizesse algum movimento, poderia ser fatal. Não sabia como proceder sem pôr em perigo a vida dela. — Já está decidido que os diamantes serão vendidos, e o dinheiro, distribuído entre todas as casas de caridade de Penwyck.

— Quando sua mãe souber que tenho em meu poder o precioso filhinho dela, terei o que me pertence em menos de vinte e quatro horas, posso garantir.

Ao som de mais tiros dentro da casa, Vincent franziu as sobrancelhas e se dirigiu a Cutter.

— Mate a velha e depois traga meu sobrinho para fora. Tenho um piloto esperando.

Um prazer frio iluminou as pupilas de Cutter. Um sorriso malvado apontou no canto de sua boca quando fez a mira em Olívia.

— Meu coração! — Com um grito abafado, Olívia apertou com força o

## *Projeto Revisoras*

peito.

Cutter e Vincent hesitaram, e então viram Olívia despencar no chão.

A distração momentânea era tudo o que Dylan queria. Num rápido movimento, puxou uma faca de dentro da bota e a atirou em direção ao tórax de Cutter. O mercenário ficou rígido e olhou espantado para a lâmina fincada em sua carne. O rosto se contorceu de dor e fúria, e ele fez mira com o revólver em Dylan.

O príncipe saltou, mas o disparo atingiu-o no braço, atravessando o músculo. Uma dolorosa queimação imediata espalhou-se por seus ombros e seu peito enquanto a bala estourava nas portas duplas da sacada, espalhando vidro e madeira pelo tapete do quarto.

De olhos arregalados, Cutter caiu de joelhos no solo e permaneceu ali, imóvel. Vincent voltou-se para correr, mas Logan e Monteque estavam na porta para impedi-lo.

Com a pulsação disparada, Dylan correu para Olívia e, com toda a gentileza, ergueu-a do chão.

— Sra. Bridgewater?

Olívia o encarou.

"Está viva! Graças a Deus!"

— Você está bem? Seu coração...

Olívia agitou uma mão e sentou-se.

— E óbvio que estou bem. Foi um artifício que usei, meu garoto, para ajudá-lo a impedir aqueles miseráveis desalmados. Oh, meu Deus, você está sangrando!

— Estou bem.

Dylan ignorou a dor intensa subindo pelo braço e ajudou Olívia a sentar-se no sofá. Mas, quando ficou de pé, o quarto girou e as paredes pareceram fechar-se a seu redor. Tentou dizer algo, mas não conseguiu ouvir o som da própria voz. Um homem em algum lugar muito distante disse-lhe algo.

Monteque?

Dylan estendeu a mão para firmar-se, lutando contra a névoa que tomava conta de sua visão. Então pensou em Emily, viu os lindos olhos verdes que o fitavam e os braços delicados dela estendidos para ele. Mas aí a imagem de Emily desapareceu, deixando uma terrível escuridão em seu lugar.

— Por favor, entre.

Emily manteve a porta da cabana aberta para os dois homens uniformizados. Eles tiravam os chapéus e adentraram a sala. Suas faces eram convencionais e circunspectas.

"Alguma coisa está errada!" O ritmo cardíaco de Emily se acelerou, mas ela se manteve firme e os encarou.

— Eu sou o tenente Randall — disse o mais alto dos dois. — E este é o sargento Quinton.

Emily assentiu com um movimento de cabeça, mas não ofereceu-lhes a mão.

— Por que não me dizem logo o motivo de estarem aqui, tenente Randall? — Engoliu em seco e preparou-se para o pior, quando o tenente hesitou.

## *Projeto Revisoras*

"Por favor, Senhor, faça com que minha avó e Dylan estejam bem", rezou em silêncio. Não suportaria se algo tivesse acontecido a eles.

Desde a última ligação telefônica que fizera para seu con-tato dos Cavalheiros Negros, não houvera mais visitas do Grupo de Inteligência. Todas as vezes que se lembrava daquela ligação e do método que usara para conservar o homem na linha, as faces queimavam. Mas sabia que sua interpretação daquele strip-tease fictício funcionara. Ninguém precisou contar-lhe que aquele tempo extra que cavara cumprira a função desejada de rastrear a chamada. O entusiasmo nos olhos dos homens de Dylan falou por si só.

Emily sabia que, se eles encontrassem o local onde os Cavalheiros Negros aprisionaram Olívia, haveria um plano preestabelecido de ação. Mas sabia também que qualquer estratégia era arriscada, e que sua avó estaria correndo sério perigo.

Assim como Dylan.

Nos últimos três dias, vagara pela pequena cabana como uma fera enjaulada e sentira que algo estava acontecendo.

E agora aqueles homens apareciam lá.

O tenente pigarreou e esclareceu:

— Srta. Bridgewater, estamos aqui para levá-la ao aeroporto. Há um vôo que a conduzirá para Marjorco, onde um motorista a espera para acompanhá-la até sua casa.

"Minha casa? Eles a estavam libertando? Permitindo que vá embora para minha casa?"

— E minha avó? — Emily quase não conseguiu pronunciar as palavras, temendo a resposta.

A expressão dura do tenente aliviou-se.

— A sra. Bridgewater está ansiosa, esperando sua chegada.

Olívia estava viva! "Como Deus é bom!"

— Ela está bem?

— Sim, senhorita. — O tenente sorriu, afinal. — Sua avó está em perfeitas condições.

A felicidade que a dominou foi tamanha que Emily quase se atirou nos braços de Randall, ansiosa por abraçar alguém.

— Obrigada — sussurrou, fechando os olhos. — Muito obrigada.

E Dylan? Emily estava intrigada. Onde estaria? Por que não fora ele a lhe trazer as notícias?

Ergueu as pálpebras e quase formulou a questão, mas então desistiu. Sabia o que ouviria. Dylan jamais a perdoaria pelo que fizera. Jamais esqueceria que ela o traía.

Nunca mais tornaria a vê-lo, não mais o tocaria.

A monstruosidade da convicção ardeu dentro dela como se um ferro em brasa estivesse se cravando em seu peito.

— Eu... estarei pronta em dez minutos.

Não tinha nada para levar. Nada ali lhe pertencia. Nada, em absoluto.

— Vocês se incomodam de esperar do lado de fora?

Os dois saíram e se reuniram aos guardas.

Emily precisava apenas de um minuto a sós. Alguns momentos para

## *Projeto Revisoras*

se recompor antes de sair.

Entorpecida, deu voltas no quarto, correu os dedos sobre uma mesa de pinho, parou para olhar uma foto de Dylan adolescente com sua irmã Anastácia no convés de um barco a vela, ambos sorrindo, os cabelos escuros despenteados ao vento. Fitou ao redor. Podia senti-lo ali, sentir sua presença.

Jamais esqueceria aquele lugar. Fora sua prisão e seu santuário.

Se Dylan não fosse um príncipe, se fosse um homem comum, lutaria por ele. Imploraria que a ouvisse, faria-o entender o porquê de ter feito o que fez. Convenceria aquele cabeça-dura, de qualquer maneira, de que o amava.

Mas Dylan era um príncipe.

Suspirou e meneou a cabeça. Uma professora de escola elementar da pequena cidade de West Country não tinha lugar em um palácio. Um dia Dylan se casaria com uma mulher da aristocracia ou da realeza. Eles teriam filhos que seriam príncipes e princesas. E ele continuaria com sua vida e a esqueceria.

Emily respirou fundo e sorriu, a despeito das lágrimas que desciam, teimosas. Mas ela jamais o esqueceria.

Levou a mão ao ventre e acariciou-o.

Jamais esqueceria Dylan.

## **CAPÍTULO XII**

—É apenas um arranhão, pelo amor de Deus! Será que todo mundo pode parar de me rodear?

Dylan estava na cama da enfermaria, mais do que aborrecido porque quase toda sua família, sem mencionar duas enfermeiras, lotavam o quarto. Se alguém perguntasse se podia afofar o travesseiro ou trazer-lhe alguma coisa uma vez mais, iria expulsar grosseiramente todos eles dali.

— Ele está mal-humorado desde que foi internado, ontem — sussurrou Anastácia para Megan e Meredith.

— Nosso irmão tem sido assim a vida inteira — gracejou Megan, mas havia ternura nos olhos dela, e não maldade.

— Eu ouvi a piadinha, e não sou mal-humorado coisa nenhuma!

— É claro que não é, querido. — Marissa deu um tapinha na mão do filho. — Mas talvez um analgésico pudesse acalmá-lo um pouco. Que tal?

— Não preciso de nenhum remédio para dor — mentiu, o braço doendo demais. — E muito menos me acalmar. O que preciso é sair daqui.

O rei Morgan levantou-se da cadeira ao lado do leito.

— Você está aqui há apenas vinte e quatro horas, filho. Experimente cinco meses num hospital, daí terá o direito de reclamar.

— Eu... não estou reclamando, papai. Mas já fui examinado e tratado. Não há razão para permanecer aqui.

Marissa alisava os lençóis amassados na ponta da cama.

— Você levou quinze pontos e perdeu muito sangue, Dylan. O dr. Waltham quer observá-lo por pelo menos um ou dois dias mais. E se for preciso, colocarei guardas do lado de fora da porta.

Dylan engoliu o que ia dizer, uma palavra que nunca usava na frente da mãe. E, ao reconhecer aquele tom de voz, soube que a rainha não estava blefando. Até que o médico o liberasse, seria um prisioneiro ali.

"Que coisa!"

O orgulho estava um pouco ferido por ter sido alvejado e haver desmaiado por alguns minutos, mas, considerando o total sucesso da missão, Dylan sabia que não podia reclamar.

Os Cavalheiros Negros foram todos capturados, e seu tio foi preso. Houve quatro mortes, todas dos mercenários de Vincent, e apenas cinco feridos, incluindo ele mesmo. Olívia foi acompanhada até sua casa sã e salva.

E Emily...

Dylan sabia que ela saíra da cabana e que, por suas ordens, voara de volta para Marjorco e se juntara à avó. Sentia-se feliz por ela ter partido. Poderia esquecê-la agora, e seguir com sua vida. Havia muito para fazer para restaurar ordem no palácio. Não tinha tempo para pensar na bela feiticeira morena.

Não mencionara Emily nenhuma vez desde que retornara, mas sabia que sua mãe e as irmãs já imaginavam que ele não era tão indiferente àquela jovem quanto fingia ser. Mas a última coisa que queria era discutir seus sentimentos por Emily com sua família.

Em especial quando não sabia direito quais eram eles.



## *Projeto Revisoras*

Emily não pedira para vê-lo antes de partir. E o príncipe ficara grato por isso, pois teria recusado se ela tivesse querido encontrá-lo. Além do que, agora que os Cavalheiros Negros foram presos e Olívia estava salva, o que mais haveria para dizer entre eles?

O pior é que ele sabia a resposta: tudo.

Dylan fez uma careta observando o antibiótico correndo junto com o soro espetado na veia de seu braço e, mais uma vez, praguejou por estar enclausurado naquele bendito quarto da enfermaria do palácio.

Nem ele nem Emily foram completamente fiéis um com o outro. Nenhum deles foi honesto de verdade.

Talvez tivesse chegado a hora de serem.

Como se já não houvesse gente demais no quarto, a porta se abriu, e Owen entrou. Sua mulher, Jordan, e a filha deles, Whitney, o seguiam, assim como um garçom de luvas brancas carregando uma bandeja de prata cheia de taças de champanhe.

"Champanhe?" Dylan franziu a testa para o irmão. Owen apenas esboçou aquele sorriso de quem estava aprontando alguma.

Então, o rei, sorridente, acenou para que o garçom e as duas enfermeiras saíssem.

— O que está acontecendo? — resmungou Dylan.

Observou cada um pegar uma taça de champanhe e erguê-la em direção a ele. Sim, sem sombra de dúvida, alguma coisa estava acontecendo.

E era importante.

Emily sentou-se no pequeno sofá na sala de visitas de sua casa, olhando para as malas que fizera na véspera.

Havia seis ao todo, três dela e três da avó. Tudo o que precisavam para viver nos Estados Unidos pelos próximos meses.

Olívia tinha uma prima lá, Verónica, a quem não via fazia vinte anos. A senhora possuía uma fazenda em Connecticut, e enviuvara havia pouco. Quando Emily telefonou para Verónica, perguntando se ela e Olívia poderiam ir para uma visita, Verónica ficou excitadíssima e insistiu para que elas não apenas fossem como ficassem lá o tempo que quisessem.

Emily teve um semana ocupada obtendo passaportes, alugando a casa delas e convencendo Alba Huntley, a diretora da escola elementar, a concordar com a licença de dez meses de ausência que Emily solicitara.

Mas tudo estava pronto agora, tudo arrumado.

Ela também. Tinha que estar.

Que outra escolha tinha?

Levantando-se, caminhou até a porta de vidro que dava para seu minúsculo jardim. Uma neblina cinza umedecia o chão do pátio, onde vasos de argila vazios esperavam para serem plantados com mudas anuais, e um anão de gesso com calça verde, camisa azul e gorro vermelho acenava boas-vindas com uma das mãos.

Margaridas e dalias brotariam daqueles canteiros gelados dentro de alguns meses. Sentiria falta da profusão de cores das tulipas e do doce perfume das rosas.

Teria saudade de tantas outras coisas... De seus alunos na escola, de

## *Projeto Revisoras*

tomar chá com a vizinha ao lado, da excitação do voltar da escola à noite, das festas escolares.

E... de Dylan, mais do que tudo. Durante a semana anterior, desde que retornara, pensara nele sem cessar. As noites eram mais difíceis, quando a residência ficava quieta e ela se deitava em sua cama, incapaz de dormir.

Como poderia não lembrar da excitação daquelas mãos quentes e fortes em sua pele? Da pressão dos lábios contra os seus? Como poderia não se recordar da perfeição do encaixe de seus corpos quando fizeram amor?

Jamais conheceria aquela espécie de amor outra vez, estava certa. Depois de Dylan, como poderia?

Retornando da porta do pátio, observou as passagens aéreas sobre a mesa ao lado do telefone. O vôo partia dentro de três horas. Um vazio a consumiu, fazendo doer seu estômago.

O som de Olívia cantando uma velha canção inglesa pairou no ar, vindo do outro quarto. Ela estivera tão feliz naqueles últimos dias... Parecia que sua aventura com os Cavalheiros Negros e seu dramático resgate tinham lhe dado renovada vitalidade. Não estava mais tão confusa e parecia ter mais energia do que a neta.

Emily consultou o relógio de madeira sobre a lareira de tijolos. O táxi estaria ali em breve. Era hora de ajuntar suéteres e casacos, desligar a calefação e andar pela casa uma vez mais para certificar-se de que não esquecera nada.

Com um suspiro, pegou as passagens e olhou para o itinerário outra vez. Os bilhetes aéreos pareciam queimar seus dedos.

"Deus do céu. Os números e palavras estão turvos..."

Chegou tudo em minúcias, enquanto vasculhava a sala de visitas. Seu pulso estava acelerado. E naquele exato momento, naquela fração de segundo, ela soube.

Não podia partir. Independente do quanto quisesse fugir, não seria capaz. Nenhum lugar no mundo seria longe o suficiente.

E seria errado, muito errado partir nesse momento.

Temerosa de que pudesse mudar de ideia, Emily depositou a passagem da avó na mesa. Suas mãos tremiam quando agarrou firme sua própria passagem e rasgou-a em pedaços. Em seguida, atirou o papel picado dentro da lareira.

Zonza, pôs uma mão trêmula sobre os lábios. Tinha de contar à avó que ela iria visitar Verónica sozinha e que poderia voltar para West Country quando achasse conveniente fazê-lo.

Emily pulou ao som de uma sólida batida na porta da frente. O táxi. Acompanharia Olívia até o aeroporto e certificar-se-ia de que ela tomara o avião. Em seguida, retornaria para casa e faria o que sabia ter de fazer.

De uma maneira ou de outra, quisesse ele ou não, veria . Dylan.

O que quer que acontecesse, assim seria. Mas não haveria mais mentiras.

A campainha da porta tocou agora, seguida por outra batida, mais alta dessa vez. Emily correu pela sala, a mente em ebulição com os pensamentos que dominavam seu interior, um misto de medo e excitação. Ao girar a

## *Projeto Revisoras*

maçaneta, estacou paralisada.

Dylan estava ali, bem a sua frente.

Emily parou de respirar, certa de que seu coração tinha parado também.

Ele usava um sobretudo preto e longo por cima da calça também preta, e uma camisa azul de mangas compridas que evidenciavam mais ainda seus olhos azuis.

Olhos que agora a fitavam.

Teria ela desejado tanto vê-lo que ele se materializou, contra a própria vontade? Qual era mesmo o ditado? "Cuidado com o que deseja, pois você pode conseguir." Momentos atrás, havia tanta coisa que gostaria de dizer a Dylan, e agora que o via ali, tão próximo, um imenso branco apossava-se de seu raciocínio.

— Posso entrar?

Não havia emoção na voz dele, nem uma expressão legível no rosto.

Ainda assim ela não podia se mover.

Gotas brilhantes de chuva cobriam os cabelos dele. Os dedos dela formigaram de vontade de limpar a umidade daqueles fios, de tocar-lhe a face...

— Emily, eu gostaria de entrar.

Ela piscou, percebendo afinal que estava de pé ali como uma completa idiota. Dando um passo atrás, os joelhos fracos, fez uma reverência.

— Sem dúvida, Alteza. Por favor, entre.

Dylan passou por ela, os ombros rijos e a postura formal. Emily voltou-se para fechar a porta e notou quatro homens de terno de pé, ao lado da limusine.

Por que ele fora vê-la tão bem protegido por guarda-costas?

Por que fora vê-la, afinal de contas?

Será que Dylan estava ali para prendê-la? Ninguém tinha lhe dito que não seria enviada para a prisão, mas ela assumira, quando a libertaram e a enviaram para casa, que todas as acusações contra sua pessoa tinham caído por terra.

Virou-se para encará-lo, cruzando as mãos diante de si, temendo que ele a visse tremer.

Dylan olhou para as malas e franziu as sobrancelhas.

— Está indo para algum lugar?

"Não mais", ela quis dizer. Mas uma ponta de raiva na voz dele a fez recuar.

— Há alguma razão para que eu não devesse ir?

— Você não me respondeu.

— Minha avó tem uma prima em Connecticut. Depois de tudo o que houve, achei que um passeio faria muito bem a ela.

— Não pode partir, Emily.

Então ele estava ali para prendê-la. Emily lutou para não entrar em pânico.

— Eu... lhe contei tudo que sei, Dylan. — Baixou os olhos. — Alteza.

— Contou? — Ele deu um passo à frente, aproximando-se dela. — Antes de fugir não há ainda alguma coisa que deveria me contar?

## *Projeto Revisoras*

— Os Cavalheiros Negros...

— Não estou me referindo a eles. Esses bandidos não têm nada a ver com isso. Na verdade, nem mais existem. Isso é entre você... e mim.

Ela o encarou. Será que Dylan sabia? Não, decidiu, a cabeça em turbilhão. Impossível que soubesse.

— Há mesmo algo. — A voz dele se abrandou, e Dylan chegou ainda mais perto. — Agora posso ver isso em seu olhar. E quero a verdade, Emily. Você me deve isso.

Sim, devia. Devia a ele isso e muito mais.

— Sim, Dylan. Você está certo.

— Conte-me. — Ele pegou o queixo dela. — Revele seus sentimentos por mim.

Como é? Era isso o que ele queria saber? Por isso fora procurá-la?!

Emily recusava-se a acreditar que Dylan fora até sua casa porque se importava com ela.

— Achei que você tivesse vindo aqui para me prender.

— Prendê-la? Suponho que poderia, se isso significar conservá-la aqui.

Ela engoliu em seco. Será que estava entendendo mal o que ele lhe dizia?

— Isso importa para você, Dylan? Que eu fique ou vá?

— Importa, sim. — Passou o polegar no lábio dela. — E muito.

— Eu estava partindo, mas rasguei minha passagem e a atirei na lareira.

Ele olhou por sobre o ombro e constatou que ela dissera a verdade.

— Por quê?

Emily o fitou no fundo dos olhos.

— Porque eu te amo, Dylan.

Já fizera aquela declaração para ele antes, da última vez que fizeram amor. Mas sabia que Dylan não acreditara. Emily rezou para que acreditasse agora.

— Sei que não há lugar em sua vida para mim, mas se você...

Dylan a agarrou e a beijou com paixão. Espantada, Emily levou um instante para corresponder ao beijo com sofreguidão.

— Você me ama — sussurrava ele, entre beijos desenfreados.

— Sim, eu te amo. — Emily se desprende um pouco e falou, sem relutância: — E há algo mais que eu gostaria...

— Emily, você viu meu gorro de lã? Estava certa de tê-lo deixado sobre minha cama, mas não consigo... — Olívia interrompeu-se no meio da frase ao deparar com o homem parado no meio da sala, com sua neta, e então sorriu. — Ah! Que agradável surpresa! Que prazer vê-lo de novo, meu jovem. Emily querida, você nunca me disse que conhecia...

Olívia franziu a testa.

— Que absurdo, eu não sei seu nome, rapaz! Que ingratidão a minha...

Confusa, Emily olhou de um para o outro.

— Vocês se conhecem?

— Claro que sim, amorzinho. Eu lhe contei tudo sobre esse moço, não lembra? Esse é o homem que salvou minha vida.

## *Projeto Revisoras*

— Salvou... sua vida? — De olhos arregalados, encarou Dylan. — Então é você o soldado que salvou minha avó?

— Levou um tiro por mim! — disse Olívia solenemente, e se dirigiu a Dylan: — Abaixei-me aqui, meu jovem, para que eu possa lhe agradecer da maneira certa. Não tive oportunidade, no meio da confusão daquela noite.

— E uma honra, sra. Bridgewater. — Dylan inclinou-se, e ela o beijou na face, abraçando-o.

— Obrigada por sua coragem e ousadia, menino. O mundo precisa de mais pessoas como você.

Emily fitava Dylan, petrificada. Não estava acreditando.

— Você levou um tiro? Meu Deus, Dylan, eu não sabia!

Sentiu-se nausear. Os joelhos bambearam, e Emily poderia ter caído se Dylan não a segurasse a tempo.

— Emily! Minha linda criança, está doente outra vez? — Aflita, Olívia levou a mão ao peito. — Vou correndo buscar uma toalha.

Dylan viu Olívia saindo da sala, e logo voltou para Emily. O rosto dela estava pálido como giz.

— Você foi baleado, Dylan. Poderia ter morrido!

— Estou bem, Emily. Foi pouco mais que um arranhão. O que sua avó quis dizer quando perguntou se você estava doente de novo?

— Dylan, por favor. — Ela fechou os olhos. — Por favor, solte-me.

— Não antes que me responda. O que está errado?

— Não há nada errado comigo. Exceto...

— Exceto o quê?

Ela ergueu as pálpebras, devagar.

— Estou grávida.

— Grávida? De um bebê?!

— Não creio que se possa estar grávida de outra coisa qualquer. Agora, por favor, ponha-me no chão.

Dylan ficou pasmo, e a carregou para o sofá onde a colocou entre as almofadas.

Um bebê. Um bebê dele.

— Pretendia mantê-lo longe de mim?

— Cheguei a considerar isso. Afinal, sabia que você me odiava.

— Mas como! Emily, eu...

— Por favor, ouça-me, Dylan. Tinha certeza de que você jamais me perdoaria por tudo o que fiz. Temia que você viesse a rejeitar a criança, pelo simples fato de tê-la feito comigo.

Ele passou os dedos entre os cabelos.

— Não me importo o mínimo com o que você pensou que eu sentisse. Você não tinha o direito.

— Posso terminar? — Um pouco de cor voltara a suas faces. — Eu disse que cheguei a considerar isso. Mas sabia que não poderia. Por que acha que rasguei a passagem de avião? Independente do que aconteceu ou de como você se sente em relação a mim, este filho é seu também. E tem o direito de tomar a decisão, se quer participar da vida dele. Nunca o pressionarei, mas espero que você queira, Dylan.

## *Projeto Revisoras*

O príncipe virou-se para a lareira e cerrou os dentes, resistindo ao impulso de sacudir Emily. Então, contou até dez e tornou a encará-la.

— Nós nos casaremos sem demora.

Ela levou um susto e sacudiu a cabeça.

— Não!

— O que quer dizer com "não"? Você disse que me amava. E está esperando nosso bebê. Recuso-me a aceitar sua recusa.

— Não me casarei com você porque estou grávida, Dylan.

— Emily, pelo amor de Deus! Não estou pedindo que se case comigo porque está grávida. — Dylan pegou no bolso uma caixinha de veludo preta. — Estou pedindo que se case comigo porque te amo.

Ajoelhou-se ao lado do sofá, e abriu a caixa. Emily permaneceu muito quieta olhando para o enorme diamante solitário que resplandecia contra o veludo preto.

— Você... me... ama?

— Sim, amo desde o primeiro minuto em que pus os olhos em você. Soube que me pertencia, e só a mim. E eu a você. — Pegou a mão dela. — Vim aqui hoje para lhe perguntar se queria ser minha esposa. Se gostaria de se sentar a meu lado e ser minha rainha.

— Sua rainha?! — Emily tornou a empalidecer. — Não entendo...

— Meu pai está abdicando do trono. E me nomeou seu sucessor.

— Você? Mas Owen...

— Os testes de DNA chegaram dos laboratórios. Apesar de que em meu coração Owen será sempre meu irmão, ele não é um Penwyck de sangue.

— Mas como isso é possível? Ele é seu gêmeo!

Dylan sacudiu a cabeça.

— Meu gêmeo morreu ao nascer e foi substituído no berçário por um órfão, Owen, nascido na véspera. Apesar de isso soar frio, minha mãe fez o que tinha de fazer para manter a paz e o controle do trono e do palácio. Só ela sabia que o irmão de meu pai tinha tentado trocar a mim e a criança que ele pensava que era meu gêmeo, mas ela, em segredo, frustrou os planos dele e devolveu tanto a mim quanto a Owen ao berçário, enquanto os outros dois bebês foram enviados para os Estados Unidos e adotados. Meu tio pretendeu usar isso como vantagem, anos depois, para ter o controle de Penwyck e afastar meu pai, provando que os herdeiros do trono não tinham o sangue dele.

— Dylan, que horror! Mas Owen...

— Meu irmão está feliz com sua esposa e sua filha, e terá uma importante e valorosa posição como comandante do Time da Elite Real. Sabe que é amado por toda a família, sendo de nosso sangue ou não.

— E sua mãe... — Emily sacudiu a cabeça, com tristeza. — Que fardo horrível ela carregou por todo esse tempo!

Dylan sorriu.

— Mamãe nunca pareceu mais feliz. E se diz pronta para tirar umas longas férias com papai. Até chamou isso de segunda lua-de-mel. Ela também planeja poder se dedicar mais aos netos. Ficará emocionadíssima ao saber que um terceiro neto está a caminho.

— Eles me perdoaram? Você me perdoou, Dylan?

## *Projeto Revisoras*

— Não há nada a perdoar, meu amor. Você fez tudo por amor a sua avó. Quando me acalmei, entendi isso. E sem sua cooperação poderiam se passar anos antes que conseguíssemos capturar os Cavalheiros Negros.

— Mas você foi baleado. Poderia ter morrido. Tudo por minha causa!

— Lutei por meu país e pela honra de minha família. E agora estou lutando por você, Emily. Por favor, vamos para Penwyck comigo.

Dylan tirou o anel do estojo e o colocou no dedo dela. Foi quando viu as lágrimas de emoção brotarem naqueles lindos olhos verdes e caírem sobre suas mãos entrelaçadas.

— Eu te amo, minha querida. Case-se comigo.

— Aqui está. Uma toalha. — Olívia irrompeu na sala, parando à vista de Dylan ajoelhado diante da neta. — Oh!

Dylan se levantou e fez uma reverência para Olívia.

— Sra. Bridgewater, estou aqui para pedir-lhe a mão de sua neta em casamento.

— Minhas almas! — Olívia acenou com a toalha. — Você trabalha rápido, meu jovem!

— Sim, senhora.

Olívia olhou para Emily.

— O que posso dizer, minha querida? Quer se casar com este rapaz?

— Sim, vovó. Quero muito.

— Eu decerto não quero minha neta se casando com qualquer pobretão. Pode providenciar uma vida boa para minha Emily?

— Sim, senhora. Acredito que sim. — Dylan sorriu para Olívia, e depois fitou Emily, com adoração.

Três meses depois, os sinos tocaram na torre do palácio de Penwyck. O som atravessou a cidade, acima das montanhas, abaixo dos penhascos e sobre o mar.

Uma brisa quente soprava uma promessa de primavera, carregada de perfume de rosas, lírios e jasmims. Flores enfeitavam cada canto do palácio, cada corredor, cada mesa. Cetim azul-royal cobria cada cadeira disposta no hall de recepção, tule branco atado a rosas brancas enfeitavam todas as colunas de mármore.

Havia antecipação na atmosfera do começo da noite.

Nesse dia, Penwyck faria história porque haveria duas celebrações. Um casamento e uma coroação. O evento seria televisionado, e o povo de Penwyck agrupava-se em frente das televisões em suas casas e também nos bares.

Vinte trombetas soaram, e um profundo silêncio se abateu sobre o hall de recepção e sobre toda a ilha também.

— Sua Majestade, o rei Morgan Penwyck, e sua Majestade, a rainha Marissa Penwyck! — um criado anunciou.

O rei Morgan, vestido com o manto real e usando a coroa de jóias, surgiu do fundo do hall, a rainha a seu lado. Seu vestido azul-claro bordado com pérolas arrancou suspiros das mulheres e olhares apreciadores dos homens. Juntos, o rei e a rainha caminhavam sobre o tapete vermelho em direção aos tronos vazios.



## *Projeto Revisoras*

Os filhos do rei e da rainha e seus cônjuges levantaram-se, assim como os quinhentos outros convidados no salão de dança.

As trombetas tornaram a soar.

— Sua Alteza Real, o príncipe Dylan Edward Penwyck. Um burburinho percorreu os convidados quando Dylan apareceu com sua vestimenta formal de calça preta, casaco branco com botões dourados e a tradicional faixa vermelha na cintura. Aproximou-se de seus pais e fez uma reverência profunda.

O rei Morgan deu um passo à frente.

— Por decreto real, é uma honra e um privilégio passar minha coroa e a liderança de Penwyck para meu filho, o príncipe Dylan Edward Penwyck. Eu o coroou Sua Majestade, rei Dylan de Penwyck.

— Viva o rei!

Os convidados aclamaram e aplaudiram, e as trombetas soaram mais uma vez. O rei Morgan reverenciou o filho, e em seguida passou a coroa de ouro para sua cabeça e o manto real para seus ombros.

Uma vez mais, as trombetas soaram e a multidão silenciou. Ao som da marcha nupcial, todas as cabeças voltaram-se para a porta principal do salão. Dylan permaneceu ereto, conservando o olhar fixo na entrada.

Ele a viu emergir numa nuvem de cetim e tule brancos e sentiu o coração disparar quando Emily começou a caminhar em sua direção. As mangas do vestido eram longas e justas, e a cauda se estendia por dez metros. Um véu de tule cobria seu rosto, e pérolas rodeavam seu pescoço.

Emily carregava rosas brancas e andava em direção a ele flutuando como folhas sobre a correnteza de um rio. Dylan quase não podia respirar diante da visão da mulher que tanto amava chegando cada vez mais perto.

Parecia que todos no salão prenderam a respiração junto com seu novo rei. As pessoas ficaram boquiabertas diante de tanta beleza, seus olhos cheios de lágrimas de comoção.

Emily sabia que, se mantivesse o olhar em Dylan, não tropeçaria. Seu peito até doía de tanto amor por seu príncipe, seu rei.

Quando chegou perto dele, fez uma longa reverência.

Dylan curvou-se e ofereceu-lhe a mão.

Juntos deram alguns passos e ficaram em frente ao padre. Então, fizeram seus votos matrimoniais.

Quando Dylan colocou a aliança no dedo dela, ergueu-lhe o véu e a beijou, Emily soube que aquele momento perduraria por toda a eternidade.

As trombetas soaram mais uma vez. A multidão levantou-se e ovacionou, tanto no palácio quanto no país inteiro. Dylan inclinou-se para outro beijo.

— Eu amo você, Majestade — disse ele ao ouvido dela.

— Também te amo, Majestade. Muito. — E brindou-o com um sorriso iluminado.

Eles se voltaram e se curvaram, primeiro para a sorridente família de Dylan e para uma chorosa Olívia Bridge-water, e enfim para os convidados e o povo de Penwyck.

Depois, desceram juntos, de mãos dadas, como marido e mulher, como rei e rainha, os degraus do altar improvisado.

### *Projeto Revisoras*

Emily quase tropeçou quando sentiu a primeira vibração de vida dentro de si. Teve de controlar as lágrimas de alegria que ameaçavam rolar.

"Hoje à noite eu contarei a ele", disse a si mesma, e acariciou a barriga. Tinha certeza de que Dylan ficaria encantado.

Não apenas um bebê estava sendo gerado em seu ventre, mas dois.  
*Gêmeos...*

**BARBARA McCAULEY** já escreveu mais de vinte romances para Livros Silhouette, vive no sul da Califórnia com seu próprio herói, o marido Frank, o que torna mais fácil acreditar e escrever sobre a magia do amor romântico. As histórias de Barbara venceram e foram indicadas para inúmeros prêmios, incluindo o prestigioso Prêmio RITA dos Escritores Românticos da América, Melhor DESIRE do Ano do Romantic Times e Best Short Contemporary do National Reader's Choice Awards.